

# Depois das antigas traduções da Bíblia

ARMINDO DOS SANTOS VAZ

Faculdade de Teologia – UCP (Lisboa)

Na aventura das traduções da Bíblia, as mais antigas e mais célebres são consideradas as mais importantes do ponto de vista histórico, cultural e religioso. Elas é que exerceram influência decisiva na cultura e nas expressões da fé dos povos que não conseguiam ler as suas Sagradas Escrituras nas línguas originais, hebraico, aramaico e grego. De entre elas, emergem particularmente a grega dos *Setenta*, a *Vetus Latina*, a *Vulgata* latina e a siríaca *Pešitta*, que foram as primeiras traduções da Bíblia para a língua corrente. Cheias de história estão também as antigas versões coptas, árabes, outras siríacas, a gótica, a arménia, a georgiana, a etíope e a eslava, especialmente nos séculos III, IV e V<sup>1</sup>.

À medida que o cristianismo se ia *dizendo* noutras línguas e difundindo entre novas populações, foram-se fazendo muitas outras traduções da Bíblia, que – também elas – se inscrevem no desígnio de comunicação de Deus aos humanos. No fim da Idade Média, algumas são cultural e

<sup>1</sup> Remetemos para uma introdução geral a cada uma: J. TREBOLLE BARRERA, *La Biblia judía y la Biblia cristiana* (Biblioteca de ciencias bíblicas y orientales 2; Trotta; Madrid 1998) 367-385.

literariamente importantes, como a alemã e a inglesa. Mas aqui alargaremos a pesquisa às feitas para as principais línguas ocidentais. Elas deram corpo e sangue à história da Bíblia e à história de Deus com o humano, unindo numa história inconsútil as tão díspares perguntas sobre quem é e o que não é Deus e o que Ele tem a ver com a humanidade. Elas identificam-se com a sobrevivência da Bíblia, com a forma como ela foi mudando o mundo ao longo dos séculos e dizem como ela o poderia ter mudado ainda mais se tivesse sido traduzida mais livremente<sup>2</sup>. Por elas, a Bíblia repousa com brilho em pergaminhos esplêndidos, que geram beleza e elevam a arte. Por elas, a Bíblia durou mais do que as chamas atizadas para a silenciarem e mais do que os erros que os tradutores não conseguiram evitar. Elas incendiaram os nobres sentimentos dos crentes que multiplicaram as cópias. Por elas, a Bíblia chegou até aos perdidos espaços do mundo, com o propósito de dar a mais e mais pessoas a possibilidade de lerem por si a história de Deus com elas. É uma história fascinante.

Além disso, por meio da tradução, o texto sagrado continua a oferecer dinamicamente possibilidades hermenêuticas, num processo que se estende muito para além desta modalidade. Hermenêutica é a tradução de cada geração, que, por isso, se funde com a Tradição. É um momento particular da tarefa de interpretação e supõe-na. Traduzir a Bíblia já é interpretá-la. E todas as suas interpretações refletem visões apaixonadas, influenciadas pelas mentalidades, pelas sensibilidades, pelas artes e pelas ciências. Traduzi-la é interpretá-la, também porque supõe verter as línguas de origem na língua de receção: exige atender aos contextos culturais de origem e de receção, ao pano de fundo das expressões e das palavras, à clareza da frase, da significação antropológica e espiritual...; exige competências complementares, linguísticas, literárias, históricas, culturais, teológicas, conjugadas no maior número possível de conexões.

Tentando seguir a pista dessa grande empresa, faremos precisamente uma abordagem histórica, acompanhando brevemente o aparecimento de cada tradução e a sua influência na cultura, na religiosidade e na humanidade do território onde se difundia.

<sup>2</sup> Cf. A. dos S. VAZ, “A Bíblia, o livro que mudou o mundo ocidental”, *10 livros que mudaram o mundo* (organização de A.I. SANTOS – A.P. JARDIM) (Quasi; Vila Nova de Famalicão 2005) 61-105.

## Versões francesas

As mais antigas versões para o francês remontam ao séc. XII, em língua *d'oïl*<sup>3</sup>. Como para outras línguas, também para o francês tiveram de enfrentar o escolho da proibição. Realmente, a expansão da Bíblia provocou abusos de interpretação, como os que o Papa Inocêncio III criticou em 1199 à diocese de Metz. Admitindo como bom “o desejo de compreender as divinas Escrituras e o zelo por pregar em conformidade com elas”, censurou os que “fazem traduzir para o francês o evangelho, as cartas de Paulo e o saltério, movidos por um certo amor às Escrituras”, mas sobretudo “para explicá-las às escondidas e pregá-las uns aos outros”. A reprovação vem acompanhada de motivações:

«Os mistérios da fé não se devem explicar sem mais a qualquer pessoa: de facto, geralmente podem não ser compreendidos por todos... A profundidade da Escritura divina é tal que não chegam a penetrar nela, não só os iletrados, mas nem sequer os inteligentes e doutos»<sup>4</sup>.

A primeira versão completa da Bíblia francesa é a Bíblia de S. Luís IX, traduzida do latim e iluminada entre 1226 e 1234 em Paris, para a educação do rei Luís IX de França, por ordem da sua mãe Blanca de Castela, composta por três volumes. O valiosíssimo manuscrito conserva-se na Santa Igreja Catedral Primaz de Toledo e (algumas páginas) na Morgan Library & Museum de Nova Iorque.

Fizeram-se várias versões completas no séc. XIV<sup>5</sup>. No início do séc. XVI, uma tradução do Novo Testamento em francês fez tanto sucesso que alarmou a Faculdade de Teologia de Paris e, em 1526, levou o Parlamento a ordenar a apreensão de todas as traduções bíblicas e a proibir os tipógrafos de imprimir novos exemplares<sup>6</sup>. Depois, o suíço Olivétan, primo

<sup>3</sup> Cf. S. BERGER, *La Bible française au Moyen Age*. Étude sur les plus anciennes versions de la Bible, écrites en prose de langue d'oïl (Slatkine Reprints; Genève 1967).

<sup>4</sup> Epístola *Cum ex iniuncto*: DS 770-771.

<sup>5</sup> Sobre estas, cf. S. BERGER, *La Bible française au Moyen Age*. Étude sur les plus anciennes versions de la Bible écrites en prose de langue d'oïl (Slatkine Reprints; Genève 1967) especialmente pp. 221-280.

<sup>6</sup> Cf. G. FRAGNITO, *La Bibbia al rogo*: La censura ecclesiastica e i volgarizzamenti della Scrittura (1471-1605) (Il Mulino; Bologna 1997) 24.

de Calvino, publicou em 1535 uma tradução francesa a partir dos textos originais (para os livros proto-canónicos), que serviu de base à maior parte das versões protestantes em francês até ao séc. XIX; teve menor irradiação que a de Lutero<sup>7</sup>. Publicada em 1555 em Basileia, *La Bible nouvellement tradlatée...*, de Sébastien Chateillon (ou Castellion), humanista protestante oposto a Calvino, caiu como um meteorito na história do séc. XVI. Como leitores potenciais, tinha em vista a gente pouco instruída. Não voltou a ser impressa<sup>8</sup>.

Os irmãos Le Maistre Antoine e Louis-Isaac, chamado Sacy, jansenistas, próximos de Pascal, editaram em 1670, no francês do ‘Grande Século’, a célebre Bíblia de Sacy, traduzida da *Vulgata*. Presta mais atenção à clareza e à elegância do que à fidelidade ao texto base; do ponto de vista linguístico e estilístico é a melhor de todas as francesas. Teve muitas revisões e reimpressões<sup>9</sup>.

Os católicos franceses, como os de outros territórios, não liam muito a Bíblia, que lhes era quase interdita pelo clero; este, por seu lado, também reduzia ao mínimo o seu uso<sup>10</sup>. As orientações do concílio de Trento sobre a leitura do texto sagrado eram restritivas, até meados do séc. XX. Entre 1650 e 1730± situam-se os partidários das traduções, quase exclusivamente amigos de Port-Royal. Nesse período surgiram graves conflitos, nascidos do desenvolvimento da leitura «crítica», não tradicional, dos textos bíblicos<sup>11</sup>.

No séc. XX, entre 1894 e 1904, saiu do lado católico, a *Bible Crampon*, com o nome do cónego que ousou partir dos textos grego e hebraico e já não só da *Vulgata*. Do lado protestante, a mais conhecida foi a *Bible*

<sup>7</sup> Cf. F. DELFORGE, “Les éditions protestantes de la Bible en langue française”, *Le grand siècle et la Bible* (dir. J.-R. ARMOGATHE) (Bible de tous les temps 6; Beauchesne; Paris 1989) 325-340.

<sup>8</sup> Cf. P. GIBERT, “La Bibbia di Castellione”, *Il mondo della Bibbia* 89 (2007) 52-55.

<sup>9</sup> Cf. F.B.A.S.L. GREENSLADE (ed.), *The Cambridge History of the Bible. The West from the Reformation to the Present Day* (At the University Press; Cambridge 1963) 113-122, 347-352; A. VERNET (avec la collab. d’A.-M. GENEVOIS), *La Bible au Moyen Âge: Bibliographie* (Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS); Paris 1989) 43-48.

<sup>10</sup> Para matizar a verdade desta afirmação genérica, importa o estudo de Cl. SAVART sobre as traduções da Bíblia na França: “Quelle Bible les catholiques français lisaient-ils?”, *Le monde contemporain et la Bible* (dir. Cl. SAVART – J.-N. ALETTI) (Bible de tous les temps 8; Beauchesne; Paris 1985) 19-34.

<sup>11</sup> Cf. B. CHÉDOZEAU, “Les grandes étapes de la publication de la Bible catholique en français”, *Le grand siècle et la Bible* (dir. J.-R. ARMOGATHE) (Bible de tous les temps 6; Beauchesne; Paris 1989) 341-360.

*Segond* (versão de 1910), com o nome de um professor de teologia. Para festejar o seu centenário em 1918, a Sociedade Bíblica protestante de Paris planeou, desde 1911, uma nova tradução, chamada a *Bible du Centenaire*: só apareceu em 1947. A comunidade judaica publicou em 1906 a *Bible du Rabinat*: deve-se ao grande rabino Zadoc Kahn e continua a ser hoje a versão oficial judaica.

Depois foram feitas várias versões completas, católicas, a partir das línguas originais: a preparada pelos monges beneditinos da abadia de Maredsous (Bélgica, 1948-1949), a de Lille (1951) e o projeto *Bible de Jérusalem*, sob orientação dos dominicanos da *Escola Bíblica e Arqueológica de Jerusalém*. Esta última, com o concurso de biblistas e literatos franceses, resultou primeiramente, entre 1947 e 1955, na edição de fascículos e, depois, nas três edições de 1956, 1973, 1998. Da versão francesa, pela grande qualidade que tinha, fez-se a tradução para espanhol, italiano, português, inglês, alemão, japonês. Rica de notas históricas e teológicas, de palavras-chave, de sínteses de temas bíblicos e de inúmeras remissões à margem, está em vista uma nova revisão.

Em âmbito laico, *La Bible de la Pléiade*, dirigida por É. Dhorme, é uma tradução de grande qualidade, que teria merecido obter maior repercussão no seu meio. O Antigo Testamento saiu antes do Vaticano II (*Bibliothèque de la Pléiade* 120 e 139; Gallimard 1956-1959). O Novo Testamento é de 1971 (*Bibliothèque de la Pléiade* 226; editor Paul Gros).

*La Sainte Bible*, coleção dirigida por L. Pirot e A. Clamer (1935-1959), estava dotada de amplo comentário (saiu num só volume nas Éditions Le-touzey et Ané; Paris 1951).

*La Bible d'Osty*, do cónego Osty ajudado por J. Tinet, publicada em 1973, alia grande precisão a um grande conhecimento da língua francesa.

Em 2001, a *Bible: nouvelle traduction*, publicada por Bayard/Médias-paul, com a colaboração de exegetas e escritores apostou numa tradução que pusesse a Bíblia na cultura contemporânea e desse conta da sua «polifonia cultural».

Outro projeto ousado foi o da *Traduction Œcuménique de la Bible* (TOB), com a colaboração de católicos e protestantes. Os ortodoxos fizeram sobre os textos recebidos as suas observações, que foram tidas em conta. O projeto sentiu-se encorajado pelo decreto do Vaticano II sobre o ecumenismo. Serviu-lhe de teste a carta aos Romanos. Apesar das dificuldades

semânticas, teológicas e hermenêuticas, teve resultado muito positivo, ao ponto de ter levado o Pastor M. Bœgner à feliz conclusão: “o texto das nossas divisões” viria a tornar-se “o texto do nosso encontro”<sup>12</sup>. Foi obra da *Association Œcuménique pour la Recherche de la Bible*, instituída em 1966, com o fim de «promover a investigação bíblica sob todas as formas, nomeadamente a tradução ecuménica da Bíblia em francês». Mas o projeto teve antecedentes já na colaboração de católicos e não católicos nas revistas de exegese, que acolhiam estudos de ambas as partes. A própria crítica textual reunia especialistas em comissões interconfessionais. Mais concretamente, a *TOB*, obra de duas gerações, reuniu mais de 150 exegetas e peritos e sente a influência da *Bible du Centenaire* e da *Bible de Jérusalem*. Aparecida completa em 1975 e revista em 1988 e em 2004, foi objeto duma grande revisão em 2010 na tradução e nas notas, com importantes correções. A maior participação dos ortodoxos na revisão contribuiu para enriquecer as notas e permitiu introduzir seis textos aceites pelas igrejas ortodoxas que não constavam nas bíblias francesas. Tornou-se mais um excelente instrumento de trabalho que simboliza o reconhecimento dos outros cristãos por parte dos católicos, segundo o desejo da *Dei Verbum*, 22<sup>13</sup>. Esta tradução, difundida também noutras línguas, nomeadamente em português, contribui para que a Bíblia, herança comum de todas as Igrejas cristãs, se torne o principal instrumento do diálogo ecuménico e da vivência de uma certa unidade através da leitura/veneração da mesma Palavra de Deus.

Outra empresa ecuménica é *La Bible en français courant* (1982, revista em 1997). A Bíblia *interlinéaire*, publicada pela Aliança Bíblica Universal, propõe uma leitura em três estratos: a palavra francesa sob a palavra hebraica/grega, a tradução da *TOB* e a tradução em francês corrente.

A Escola Bíblica de Jerusalém em 2000 deu início a um projeto intitulado «A Bíblia nas suas tradições», inteiramente novo e ambiciosíssimo, que vai muito para além do da existente *Bíblia de Jerusalém*. Visa apresentar as diferenças entre os textos bíblicos antigos, traduzindo-os e comentando-os. Tem a intenção amadurecida de inserir o ato de tradução

<sup>12</sup> Introdução à carta aos Romanos do *Nouveau Testament* (Les Editions du Cerf – Les Bergers et les Mages; Paris 1972) 442.

<sup>13</sup> Cf. Ch. REYNIER, *Écritures Saintes et Parole de Dieu* (Vatican II pour tous; Médiaspaul; Paris 2012) 111-113.

na corrente milenar das tradições hermenêuticas mais antigas do texto que depois se tornou definitivamente canônico. Os investigadores procurarão que a própria longa história das primeiras leituras bíblicas, plurais, esteja presente no interior do processo de tradução. Para o Antigo Testamento, apresentará em tradução o texto hebraico massorético, rodeado do texto grego dos *Setenta*, do latino da *Vulgata*, do siríaco da *Pešitta* e de alguns textos samaritanos. Para o Novo Testamento, apresentará a tradução do texto grego «bizantino» (do manuscrito *Alexandrinus*), rodeado do texto da edição de Nestle-Aland, do *textus receptus* (estabelecido na época do Renascimento), do da *Vulgata* e do da *Pešitta*. O empreendimento propõe uma tradução renovada, cuja palavra de ordem é: «nem mais obscuro nem mais claro do que o original». Oferece notas introdutórias e interpretativas, tendo em conta as diferentes receções, judaicas e cristãs, da Bíblia<sup>14</sup>.

Na sequência do discurso de Paulo VI, em 1965, ao congresso internacional sobre as traduções litúrgicas, em que declarava que as traduções faziam parte do próprio rito enquanto voz da Igreja, a tradução é vista como texto litúrgico. Em conformidade com essa ideia, em 1995 os bispos da Comissão Internacional Francófona para as Traduções e Liturgia (representando a França, a Suíça, a Bélgica, o Luxemburgo, a África do Norte e o Canadá) decidiram publicar a Bíblia inteira da liturgia, traduzindo também os textos bíblicos que não entram nela. Propunham assim um texto unificado para a liturgia e catequese, em congruência com a Instrução de 1969, que tratava da tradução litúrgica da Bíblia. É fiel aos textos originais, mas também quer favorecer a proclamação. Tem poucas notas. A tradução publicada intitula-se *Bíblia da Liturgia*. Implica a revisão dos lecionários em que estão integrados os textos da *Tradução Litúrgica da Bíblia*.

A Instrução de 1969 foi seguida de outra, a *Liturgiam authenticam*, normativa da tradução litúrgica hoje.

<sup>14</sup> Resumo do projeto em Ch. REYNIER, *Écritures Saintes et Parole de Dieu* (Vatican II pour tous; Médiaspaul; Paris 2012) 116-117.

## Versões italianas

As primeiras traduções italianas, com base na *Vulgata*, apareceram no séc. XIII. Mais do que traduções, as medievais eram paráfrases de alguns textos bíblicos. De entre as primeiras impressões, em Veneza, em pleno Renascimento, teve muita difusão até ao concílio de Trento a Bíblia de Nicolò Malermi (ou Malerbi), monge de Camaldoli, que reuniu e reelaborou segundo a *Vulgata* as versões toscanas do séc. XIV. Com a Bíblia de Malerbi em 1471 difundiu-se pela primeira vez uma tradução *literal* de toda a Bíblia, feita a partir do texto latino da *Vulgata*: foi assim que a Itália se tornou a primeira nação a possuir uma Bíblia na sua língua. A edição de 1490 é um dos primeiros, mais bonitos e mais profusamente ilustrados exemplos da idade de ouro da ilustração veneziana de livros.

Em 1530 apareceu em Veneza o Novo Testamento em italiano, na tradução do florentino Antonio Brucioli a partir da versão latina de Erasmo de 1516: na introdução dizia incluir a sua tradução no número daquelas que o humanista holandês tinha desejado para cada nação. Em 1532 apareceu pela primeira vez a Bíblia inteira na tradução de Brucioli: agora para o Antigo Testamento, partiu da nova versão latina do dominicano Sante Pagnini, publicada em Lyon em 1527/8, uma tradução literal do texto hebraico (a de Brucioli não foi feita, portanto, sempre diretamente dos textos no original hebraico e grego, como sugere o frontispício). Na introdução, Brucioli motiva a tradução com a necessidade de cada cristão ler para si, na sua língua materna, as Sagradas Escrituras: além de citações de Erasmo, também faz algumas da introdução de Lutero ao Novo Testamento de 1522. A esta empresa de tradução ele sentiu-se encorajado pelos exemplos de tradução do Novo Testamento em alemão e em francês, quando esteve fora de Itália desde 1523 a 1525, banido de Florença por estar envolvido na conjura contra o cardeal Giuliano de' Medici. A sua tradução veio a público no ano em que, por deliberação do Senado de Veneza, se encarregava um dominicano de ter lições públicas sobre as Escrituras na igreja de S. Salvador, motivando-as com a afirmação de que “entre todas as ciências a da Sagrada Escritura é a mais útil e necessária”. A tradução saía, portanto, num momento e numa cidade particularmente favoráveis a acolhê-la.

Num belo sabor arcaico e entusiástico, ainda atual, proclama que se alguns argumentarem “ser coisa indigna de uma mulher ou de um sapateiro



falar das Sagradas Letras e entendê-las ao ler”, não se pode pensar que elas foram

mandadas do céu só para os letrados e não para todos aqueles que, deixado o confuso saber do mundo, procuram Deus em verdade e simplicidade de coração, a qual se encontra não melhor pelas letras latinas do que pelas vulgares, não melhor pelas gregas do que pelas bárbaras, mas só pela escuta do evangelho, em qualquer língua que se possa entender. Consideremos também que ouvintes teve o Cristo. Não foi uma multidão heterogênea e, nesta, cegos, coxos, mendigos, publicanos, centuriões, artífices, mulheres, crianças? Ou fica agora triste Cristo de ser lido por aqueles pelos quais quis ser ouvido? E porquê não poderão vir às pastagens desse nosso grande pastor Jesus Cristo, o mercante, o ferreiro, o aldeão, o pedreiro, o pescador, os publicanos e os homens e mulheres de todas as condições que foram dignas de ouvi-las da boca do Cristo? E não confessará cada um que os homens serão mais capazes das pregações evangélicas cada vez que possam nas próprias casas meditar para si a Escritura e voltar a lê-la depois da explicação na pregação?<sup>15</sup>.

À tradução de Brucioli seguiram mais duas em Itália no espaço de poucos anos: uma em 1536, pelo dominicano que tinha sido encarregado pelo Senado de Veneza de lições públicas sobre a Escritura, e a outra em 1538, por outro dominicano do convento de S. Marcos em Florença. Ambas divergiam muito pouco da de Brucioli.

Simultaneamente, a afortunada versão de Malerbi continuava a ser editada: até 1567, ano da última edição, foram feitas dezanove edições quinhentistas.

Entretanto, dos atos inquisitoriais dos processos por heresia também depreendemos que houve várias dificuldades para ler a Bíblia. Por exemplo, numa vistoria feita em 1549 pelos oficiais da Inquisição na casa de um carpinteiro foram encontrados um Novo Testamento, as epístolas de S. Paulo, as epístolas e leituras para todo o ano em língua vulgar: o carpinteiro analfabeto explicou que punha os filhos a lerem-lhe as passagens bíblicas que na missa acabavam de ser lidas em latim. Noutro processo, um

<sup>15</sup> Citado por C. BUZZETTI – G.O. BRAVI, “Edizioni della Bibbia, versioni nelle lingue parlate con particolare riferimento all’Italia”, *La Bibbia nell’epoca moderna e contemporanea* (a cura di R. FABRIS) (EDB; Bologna 1992) 36; cf. pp. 23-41.

ferreiro dizia em 1552 que tinha em casa o Novo Testamento de Brucioli “para instruir a minha família”. Nota-se uma longa tradição, ininterrupta no séc. XVI, da prática de leitura da Bíblia em língua vulgar, apesar da “indubitavelmente excessiva atitude de defesa e de suspeição assumida pelo magistério católico”<sup>16</sup>.

Realmente, quando Lutero começou a traduzir a Bíblia para alemão, o alto clero católico, num relatório enviado ao Papa em 1553, pedia que fizesse com que o povo afastasse os olhos da Bíblia e que permitisse o menos possível a leitura do Evangelho, que poderia suscitar turbilhões e tempestades contra o clero. Estranhamente, a Itália da época atravessava uma situação melhor do que a de outros países europeus, pois no final do séc. XV já tinham sido difundidas várias traduções dos livros sagrados, anteriores às alemãs e francesas; e outras foram lançadas nas décadas seguintes, encontrando grande sucesso junto dos fiéis. Todavia, em 1558, o inquisidor de Veneza proibiu os tipógrafos da cidade de imprimirem traduções da Bíblia em língua vulgar. Em 1571, o bispo local proibiu as clarissas do mosteiro de Monteluca de lerem a Bíblia em italiano. Depois das versões italianas aparecidas entre o fim do séc. XV e o fim do séc. XVI (dependentes da versão de Brucioli), durante cerca de dois séculos após a publicação do *Índice* de 1559 não foi editada mais nenhuma Bíblia católica italiana, enquanto entre os protestantes teve bom e duradouro acolhimento a sóbria e elegante versão do calvinista Giovanni Diodati a partir do grego, aparecida em Genebra em 1607 e em 1641 (foi usada também por Rosmini). Seria preciso aguardar dois séculos, até 1758, para voltar a ver em Itália traduções das Sagradas Escrituras em língua vulgar<sup>17</sup>.

Depois do decreto de Bento XIV (que em 1753 suavizava as regras do *Índice*), foi fundamental e de enorme difusão a tradução de Antonio Martini, completada em 1781, feita a partir da *Vulgata* (mas sempre a olhar para o original) em 23 volumes, tendo ao lado o texto da própria *Vulgata*. Foi louvada por Pio VI. O próprio Martini, feito arcebispo de Florença, fez uma nova edição (Florença 1782-1792), com abundantes notas de rodapé,

<sup>16</sup> Referências feitas por C. BUZZETTI – G.O. BRAVI, “Edizioni della Bibbia, versioni nelle lingue parlate con particolare riferimento all’Italia”, *La Bibbia nell’epoca moderna e contemporanea* (a cura di R. FABRIS) (EDB; Bologna 1992) 38-39.

<sup>17</sup> Cf. G. FRAGNITO, *La Bibbia al rogo: La censura ecclesiastica e i volgarizzamenti della Scrittura* (1471-1605) (Il Mulino; Bologna 1997) 25-74.130.197.

que se tornou normativa para as reproduções sucessivas. Este empreendimento foi suscitado pelo desejo de renovação, estimulada pelas polémicas teológicas, pelo crescente ceticismo iluminista e pelo radicalismo avançado pelo jansenismo. Reconhecida também como texto da língua italiana pelo dicionário de Crusca, teve muitíssimas edições até ao início do séc. XX, sendo a única integral em italiano. Foi a Bíblia que no oitocentos estava nas mãos da maioria dos italianos. Apareceu por última vez em Itália em 1950. Teve papel de relevo na cultura católica italiana<sup>18</sup>.

De reconhecido valor é a tradução do Antigo Testamento a partir do original hebraico, do judeu Samuele Davide Luzzato, em 1872-1875. Entre 1920 e 1930 apareceu *La Bibbia*, de Giovanni Luzzi.

Nos anos 1923-1958 saiu, sob orientação do jesuíta A. Vaccari, do Pontifício Instituto Bíblico de Roma, uma nova tradução a partir dos textos originais, com notas de crítica textual e comentário (Salani; Firenze). Depois da promulgação da encíclica *Divino afflante Spiritu* de Pio XII em 1943, que preconizava o estudo científico da Bíblia e as traduções a partir das línguas originais, os biblistas italianos empreenderam a tarefa de várias traduções e comentários científicos. O projeto mais vasto, a partir de 1949, foi o da coleção da editora Marietti, *La Sacra Bibbia*, sob a guia de S. Garofalo e G. Rinaldi, à qual sucedeu o CSANT (Commentario Scientifico all'A e NT), que ficou incompleto<sup>19</sup>.

Cada editor importante quis ter a sua Bíblia. A UTET publicou *La Sacra Bibbia* em 3 volumes, dirigida por E. Galbiati, A. Penna, P. Rossano (1963-1973), reproduzida em *La Bibbia di Selezione*. As Edições Paulinas propuseram a *Nuovissima versione della Bibbia*, com comentário em 46 volumes, de valor desigual entre si (1967-1980). Em 1968 apareceu a *Bibbia concordata*, da editorial Mondadori, feita por católicos, protestantes, ortodoxos. A Conferência Episcopal Italiana em 1971 promulgou uma versão da Bíblia para uso litúrgico. Baseia-se fundamentalmente na tradução da Bíblia da Editora UTET. Em 1974 foi melhorada. Em 1988, foi constituído um grupo de trabalho para rever a tradução: saiu uma tradução nova, definitivamente aprovada em 2007. Obra apreciável e caracterizada pela

<sup>18</sup> Cf. C. BISSOLI, "La Bibbia nella Chiesa e tra i cristiani", *La Bibbia nell'epoca moderna e contemporanea* (a cura di R. FABRIS) (EDB; Bologna 1992) 176-182.

<sup>19</sup> Cf. F.B.A.S.L. GREENSLADE (ed.), *The Cambridge History of the Bible. The West from the Reformation to the Present Day* (At the University Press; Cambridge 1963) 110-113.358-360.

procura de fidelidade à língua original do texto, impõe-se para além do uso litúrgico, assumindo quase o monopólio entre as traduções da Bíblia. Decisivo foi o facto de ela ser reproduzida em diversas Bíblias comentadas com larga difusão: na chamada *Bibbia di Gerusalemme* (Edizioni Dehoniane di Bologna 1974), com introduções e notas da *Bible de Jérusalem*; na *TOB* (Elle Di Ci; Leumann, Torino 1976), com introduções e notas da *Traduction Œcuménique de la Bible*; na *Bibbia della Civiltà Cattolica* (1974); em *La Bibbia, parola di Dio scritta per noi*, com fins teológicos e pastorais (Marietti; Torino 1980).

A riqueza dos subsídios recolhidos num volume único e manejável fez da *Bibbia di Gerusalemme* o principal ponto de referência de grupos, movimentos e crentes na aproximação ao Livro sagrado. O salto de qualidade relativamente a anteriores empresas era notável: o ambiente italiano podia usufruir de um comentário recebido da mais rica tradição de estudos bíblicos recentes. Aliás, a chamada *Bíblia de Jerusalém* teve maior impacto editorial e foi mais utilizada, por todo o mundo, como tradução de referência. Enquanto a tradução do Instituto Bíblico, num projeto amadurecido e cientificamente consistente, explorava mais o conteúdo das palavras por privilegiar o estudo das línguas bíblicas, a *Bíblia de Jerusalém* oferece os bons resultados da prática da arqueologia e da exegese.

A editora Elle Di Ci publicou, em colaboração com a Aliança Bíblica Universal, a Traduzione Interconfessionale in Lingua Corrente: *Parola del Signore* (em 1985 saiu a Bíblia inteira).

## Versões alemãs

A primeira tradução da Bíblia para uma língua germânica foi a chamada Bíblia de Wulfila (ou Úlfila) do século IV, uma tradução para a língua gótica a partir do grego dos *Setenta* e do Novo Testamento. Para a fazer, este apóstolo dos godos, bispo, usou um alfabeto de sua invenção. Foi usada pelos godos, adeptos do arianismo.

Já desde o séc. XIV a Igreja considerava, face aos movimentos pré-Reformadores e do início da Reforma – como os *Lollards* de John Wycliffe – que a Bíblia não podia ser difundida de forma descontrolada na língua do povo. O próprio imperador Carlos IV em 1369 reforçou a proibição da

tradução a partir da *Vulgata* na região sob o seu domínio imperial. Mas o seu filho e sucessor Wenzel/Venceslau IV da Boémia não se importou desta medida e encomendou a tradução para a língua alemã em 1385. Financiada por um rico mercador, foi feita entre 1390 e 1400, dando origem ao esplêndido manuscrito, em gótico, chamado *Wenzelsbibel*, magnificamente miniaturado. Está incompleta e não se sabe quem fez a tradução.

Entre 1466 e 1522 foram publicadas, antes da de Lutero, catorze versões alemãs da Bíblia em dialetos do Sul da Alemanha (*Oberdeutsch*) e quatro em dialetos do Norte da Alemanha (*Niederdeutsch*), a partir da *Vulgata*, às vezes copiadas ou adaptadas de traduções existentes em manuscritos da Idade Média. A primeira delas e a mais célebre é a *Bíblia de Mentelin*, impressa em Estrasburgo em 1466 por Johannes Mentelin. Foi a primeira Bíblia na língua do povo a ser impressa. O sucesso de vendas revelou que o desejo dos crentes de língua alemã de lerem a Bíblia na sua própria língua era enorme.

Mas a história das traduções da Bíblia para o alemão está entretecida com a história da Reforma protestante<sup>20</sup>. Realmente, entre todas ficou famosa a de Martinho Lutero, a diversos títulos uma empresa de alcance histórico, também pelas consequências para a história da Reforma protestante. Lutero considerou de tal forma importante que houvesse uma tradução alemã a possibilitar ao leitor perceber o verdadeiro significado dos textos bíblicos que meteu mãos à obra, logo que, em 1521, tinha deixado a Dieta de Worms, na qual tinha sido excomungado e proscrito. Em 1522 publicava a tradução do Novo Testamento a partir do *textus receptus* grego. A primeira edição da tradução do Novo Testamento foi reimpressa passados poucos meses e teve uma circulação e expansão tão grande que se estima que, passado um ano, um terço dos alemães alfabetizados possuía um exemplar dessa tradução. A tradução completa da Bíblia foi publicada em 1534, usando para o Antigo Testamento o texto hebraico e aramaico, além dos livros “apócrifos”/deuterocanônicos em grego. Usa uma linguagem poética, popular, intensa e musical. Granjeou grande popularidade. Foi a primeira obra literária em alemão, com a qual se estabeleceu a supremacia do «*Hoch Deutsch*, alto alemão» sobre os outros dialetos germânicos. Tendo sido um instrumento para o reforço do protestantismo de então, constitui

<sup>20</sup> Para o tema «Bíblías da Reforma protestante», cf. Ch. de HAMEL, *The Book. A History of the Bible* (Phaidon Press; London 2001) 216-245.

um monumento na história da literatura em língua alemã. Foi a primeira tradução completa para uma língua moderna a partir das línguas originais. Mas Lutero sempre teve diante de si a *Vulgata* e os comentários patrísticos. Serviu-se da colaboração de outras pessoas, entre as quais algum hebreu. O manuscrito autógrafo das versões de Job, dos Salmos e dos livros atribuídos a Salomão, conservado em Berlim, está cheio de rasuras, que testemunham o cuidado com que ele procurava a palavra mais apropriada.

A sua versão não é literal, mas clara e viva, para ser entendida por todos, especialmente pelo povo<sup>21</sup>. O alemão da sua tradução era o usado nos documentos oficiais da chancelaria do Príncipe Eleitor do Ducado da Saxónia e que podia ser facilmente entendido pelos falantes do grupo de dialetos da Alemanha Central. Não traduziu literalmente os textos originais; investigou o significado dos textos de partida e procurou exprimir esse sentido num alemão claro e vigoroso, tão parecido quanto possível com o falado pelo povo.

Na emergência duma língua escrita alemã única e na consolidação duma identidade nacional e cultural, o papel da tradução de Lutero foi ímpar. Apesar de não se poder aceitar a ideia de ter sido o criador do alemão moderno, não se pode recusar a determinante influência que a sua tradução teve na história e no desenvolvimento da língua alemã moderna. A qualidade poética da sua linguagem deixou uma marca indelével na literatura e mesmo no alemão coloquial. Embora não tenha gerado o «novo/alto-alemão», a sua tradução serviu para expandir o alemão que usou, que é considerado o precursor mais imediato do chamado novo/alto-alemão.

O exemplo de Lutero teve imediato e notável seguimento. Traduções do Novo Testamento, ou só de algumas partes dele, foram publicadas na década de 1520 nas principais línguas europeias. Em 1540, publicava-se em Colónia e Mogúncia uma tradução da Bíblia de Johannes Dietenberger, em que todas as passagens da versão de Lutero que divergiam da doutrina católica da época aparecem alteradas. Ressalvando essas passagens, não era uma tradução nova: transcreve textos de traduções mais antigas, incluindo, em grande parte, a do próprio Lutero. Teve uma circulação muito restrita, até porque continha um epílogo recomendando que não devia ser lida por leigos sem a devida formação.

<sup>21</sup> Cf. F.B.A.S.L. GREENSLADE (ed.), *The Cambridge History of the Bible. The West from the Reformation to the Present Day* (At the University Press; Cambridge 1963) 94-109.339-347.

Paralelamente ao trabalho de tradução de Lutero, Zuínglio promoveu em Zurique outra tradução da Bíblia. Em 1531, três anos antes da publicação da versão completa de Lutero, saiu do prelo em Zurique a tradução conhecida como Bíblia de Froschau ou Bíblia de Zurique. Em 1532/33, Johannes Bugenhagen fez uma versão, apoiado no texto de Lutero, em baixo-alemão (*Plattdeutsch*), conhecida como *Biblia de Lübeck*, por lá ter sido impressa. A *Biblia de Lübeck* serviu de protótipo às traduções sueca (1541) e dinamarquesa (1550)<sup>22</sup>.

Embora desempenhando papel diferente entre os protestantes e entre os católicos, no séc. XIX a Bíblia ainda representava a base espiritual e moral da maioria dos alemães<sup>23</sup>.

Antes do Vaticano II, uma edição influente no povo foi *Das Neue Testament*, do Capuchinho Konstantin Rösch (Schöningh; Wien 1953). Célebre e merecedora de menção especial tornou-se a versão do Antigo Testamento de Martin Buber, feita juntamente com Franz Rosenzweig (judeus filósofos da religião): *Die fünf Bücher der Weisung – Zu einer neuen Verdeutschung der Schrift* (Köln & Olten Jakob Hegner; 1954). Designou-a *Verdeutschung* (alemanização) e não propriamente *Übersetzung* (tradução): é uma tradução dinâmica, feita com grande sensibilidade literária e explorando para a língua alemã o conteúdo antropológico e existencial das palavras hebraicas. Aproxima o leitor da emotividade, da musicalidade e do espírito da língua original.

Os bispos da Alemanha, da Suíça, da Áustria, do Luxemburgo e de Lüttich promoveram a *Einheitsübersetzung der Heiligen Schrift*: em 1972 o Novo Testamento, revisto em 1979; em 1974 o Antigo Testamento, revisto em 1980. Chama-se *unificada*, para valer para todas as dioceses na Alemanha. Procurou-se estender o significado de “unificada” a “ecuménica”. Na tradução do Novo Testamento e dos Salmos colaboraram delegados da Igreja Evangélica Alemã, que não colaborou na tradução da restante Bíblia.

<sup>22</sup> Cf. B.J. HEROLD, “As Versões alemãs da Bíblia em comparação”, *Gaudium sciendi*, n.º 3 (Janeiro 2012: suporte informático) 71-102.

<sup>23</sup> Cf. P. COLONGE, “Présence de la Bible en Allemagne”, *Le monde contemporain et la Bible* (dir. Cl. SAVART – J.-N. ALETTI) (Bible de tous les temps 8; Beauchesne; Paris 1985) 133-159; A. VERNET (avec la collab. d’A.-M. GENEVOIS), *La Bible au Moyen Âge: Bibliographie* (Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS); Paris 1989) 49-50.

Em 1984 fez-se a revisão da Bíblia de Lutero, versão recomendada pela Igreja Evangélica Alemã.

Em 1997 apareceu a *Gute Nachricht Bibel* (Bíblia da Boa Nova) na Deutsche Bibelgesellschaft: uma tradução “comunicativa” da Bíblia, elaborada e editada em comum pelas sociedades editoras evangélica e católica em linguagem acessível.

## Versões inglesas

As versões da Bíblia e, portanto, a sua leitura tiveram uma história particularmente interessante e desenvolvida na Inglaterra. A sua história até ocupa um lugar preeminente na história da literatura inglesa.

O namoro entre a língua inglesa e as Sagradas Escrituras vem de finais do séc. VII, quando, segundo o monge historiador Beda Venerável, Caedmon, sob explicação dos monges do mosteiro de Whitby, recontou as histórias bíblicas em suaves e encantadores versos anglo-saxões que alteravam o texto. Caedmon fez escola na forma de transmissão da Escritura que, na alta Idade Média inglesa, é aparentada a tradições judaicas *targúmicas* (ao mesmo tempo tradução e comentário: se não é tradução para o vernáculo, tem função *tradutora*). Uma tradição conta que o próprio Beda no seu leito de morte (†735) empreendeu fazer uma tradução do evangelho de João para anglo-saxão; mas dele não há vestígios.

O Evangelho de Lindisfarne, um livro manuscrito latino imponentemente iluminado num mosteiro na ilha Holy Island, ao redor do ano 700, terá sido obra do monge Eadfrith, falecido como bispo de Lindisfarne no ano 721. Está agora na British Library, em Londres. No estilo único de escrita e arte insular, é o mais bem documentado e mais completo manuscrito daquele período, uma das obras mais belas, tesouro artístico e religioso de Inglaterra. A estes evangelhos, em meados do séc. X, o clérigo Aldred acrescentou uma tradução em inglês anglo-saxónico (*Old English*) em forma de paráfrase, no dialecto de Northumberland: inseriu-a como glosa contínua, palavra por palavra, entre as linhas do texto latino. É a mais antiga tradução existente dos Evangelhos para o inglês.

O Evangelho de Rushworth, manuscrito à volta do ano 800, apresenta uma glosa contínua em antigo inglês, acrescentada na segunda metade do



séc. X, da qual a maior parte é cópia da glosa ao Evangelho de Lindisfarne. A glosa visava ajudar os clérigos a entender o texto latino e a convidar os leigos à leitura.

No séc. IX Alfredo Magno (849-901), rei dos saxões ocidentais, traduziu para o anglo-saxão, em jeito de atualização, partes legais do Antigo Testamento, tais como os dez mandamentos, trechos do Êxodo (20-23). Terá sido o autor duma versão em prosa do Saltério, cujo texto aparece, ritmado, numa tradição consignada em manuscritos dos séculos X-XI, usados até ao séc. XII.

Aproximadamente no ano 990 encontramos nos quatro Evangelhos de Wessex a mais antiga tradução integral existente para um dialeto Oestesaxónico do inglês antigo (sul da Inglaterra), sem o texto latino.

Ainda do séc. X é o empreendimento singular de transmitir o conteúdo do Antigo Testamento, que, segundo os casos, se parece mais ou menos ao processo de tradução. Foi de Ælfric, monge e pregador prestigiado, abade da abadia de Eynsham (955-1020). A pedido de nobres que não se contentavam com o conhecimento do Novo Testamento, fez uma tradução clara do Hexateuco para o antigo inglês a partir do latim – sem lhe acrescentar nada – só ‘aliviada’, expurgada de certas passagens (como a poligamia dos patriarcas e a cena da ternura entre Isaac e Rebeca em Gn 26...): um compromisso entre a vontade de tradução integral e o resumo para ‘aliviar’ o texto. É um tipo de tradução medieval excepcional, que se distingue nitidamente das do género da adaptação (entre a tradução e a homília).

Em 1200, o monge Orm fez em inglês ritmado uma harmonia dos Evangelhos, em mais de vinte mil versos. Em 1250 encontramos uma versão métrica do Pentateuco. À volta do 1300 aparece o *Cursor mundi*, poema histórico e religioso anónimo, muito popular no seu tempo, de cerca de trinta mil linhas, em inglês médio (*Middle English*), que resume a história do mundo em sintonia com a descrição da Bíblia cristã e de outras fontes, acrescentando material lendário. Pelos fins do séc. XIV surge uma versão métrica do Antigo Testamento. O saltério será no séc. XIV o objeto de mais versões vernáculas<sup>24</sup>.

<sup>24</sup> Cf. M. LARÈS, “Les traductions bibliques: l'exemple de la Grande-Bretagne”, *Le Moyen Âge et la Bible* (dir. P. RICHÉ – G. LOBRICHON) (Bible de tous les temps 4; Beauchesne; Paris 1984) 123-140; J.P. LEWIS, “Versions, English (Pre-1960)”, *The Anchor Bible Dictionary*, VI (ed. D.N.

Nos séculos XIV e XV, na Europa a Bíblia continuou a ser copiada e usada em latim. Partes dela eram às vezes traduzidas para as línguas correntes, como o francês e o alemão. Mas tais versões atraíam pouco a atenção de leitores e não se difundiam muito. As pessoas que tinham aprendido a ler contentavam-se com a Bíblia em latim. A grande exceção aconteceu na Inglaterra, com as traduções de John Wycliffe (1320-1384), provavelmente as mais notáveis bíblias da Idade Média tardia. De facto, a primeira versão bíblica completa para o *inglês* é a desse controverso filósofo e teólogo, precursor do protestantismo, e de um grupo de colaboradores: foi conduzida com base na *Vulgata*, pelo ano 1380, quase palavra por palavra. Pelo ano 1400 tornou-se suspeita de ser herética e foi proibida: os apanhados na posse de uma cópia podiam ser julgados por heresia e queimados. Realmente, muitas pessoas apanhadas com uma Bíblia em inglês foram executadas. Mas, antes de ser queimada em 1415, a Bíblia de Wycliffe tinha feito o seu caminho: 107 cópias manuscritas chegaram até nós. Depois da Reforma, tornou-se símbolo do direito de a pessoa comum ler a Bíblia na própria língua<sup>25</sup>.

Poucas nações viveram como a Inglaterra em intimidade tão estreita com a Bíblia, que dá cor, não só à espiritualidade dos ingleses, mas também a diversos aspetos da sua mentalidade, da vida quotidiana, cultural, social e política. A influência bíblica começa a manifestar-se oficialmente no séc. XVI, o século de Shakespeare e da Reforma protestante. Esta, insistindo na importância da *sola Scriptura*, «destronou o Papa e pôs a Bíblia no seu lugar»<sup>26</sup>.

A versão oficial do anglicanismo, conhecida como *Authorized Version*, teve vários antecedentes. Remonta, no que toca a Mateus e Marcos, a 1524, obra do sacerdote católico William Tyndale. Por ele foi feita e publicada em 1525 a versão completa do Novo Testamento, contra a vontade do bispo a quem tinha pedido licença para traduzir: feita a partir do texto original, segundo a terceira edição de Erasmo e influenciada pela tradução de Lutero. Conseguiu imprimi-lo, sob perseguição, em Colónia

FREEDMAN) (Doubleday; New York – London – Toronto – Sydney – Auckland 1992) 816-829.

<sup>25</sup> Larga história desta Bíblia em Ch. de HAMEL, *The Book. A History of the Bible* (Phaidon Press; London 2001) 166-189.

<sup>26</sup> Ch. D'HAUSSY, "Bible et société en Grande-Bretagne", *Le monde contemporain et la Bible* (dir. Cl. SAVART – J.-N. ALETTI) (Bible de tous les temps 8; Beauchesne; Paris 1985) 161-186.

e Worms. Ela estará na base de todas as versões inglesas do século seguinte, incluindo a *King James Version* de 1611. O bispo que tinha proibido a tradução, horrorizado confiscou e queimou todas as cópias na sua diocese. Em 1534 e 1535, Tyndale publicou edições melhoradas. Nessa altura já estava a traduzir o Antigo Testamento; mas o que tinha traduzido nunca o viu impresso. Enquanto a Bíblia de Wycliffe tinha sido, no fundo, a tradução de uma tradução, a de Tyndale foi a primeira Bíblia inglesa a ser traduzida diretamente do hebraico e do grego e a primeira a aproveitar a imprensa. A história desta versão com tendência para o inglês idiomático é uma história de perseguição, exílio, clandestinidade e martírio. Traduzir a Bíblia em vernáculo no séc. XVI era não só difícil mas também perigoso: ameaçava o poder do monarca e da Igreja. A violência das lutas da época por motivos religiosos levou a que Tyndale, fugido da Inglaterra e perseguido pela Europa fora por agentes secretos, fosse preso em Antuérpia, julgado e condenado por heresia e por favorecer a Reforma protestante, garroteado e, logo a seguir, queimado amarrado ao poste dos condenados a serem queimados vivos, era o dia 6.10.1536, em Vilvoorde, ao norte de Bruxelas. A versão do Antigo Testamento foi interrompida pela sua pena capital, ele que tinha desejado pouco mais do que um lugar tranquilo para traduzir a Bíblia<sup>27</sup>. Apesar disso, o desejo de ter bíblias em vernáculo continuou a aumentar na gente.

A Bíblia de Tyndale era já uma realidade incontornável. Contribuiu, mais que outros fatores, para a fixação da língua inglesa. Além de William Shakespeare, o progenitor dessa língua tal como a conhecemos é o Padre Tyndale. As cadências e sonoridades, amplificações e concisão de Tyndale ao verter o texto bíblico caracterizam – através do seu efeito dominante sobre a subsequente *Versão Autorizada* – o inglês em geral, tal como é falado e escrito hoje. Só a tradução de Lutero foi tão geradora de toda uma linguagem. A língua inglesa transporta em si a sua marca imemorial<sup>28</sup>.

<sup>27</sup> Cf. S.M. MILLER – R.V. HUBER, *The Bible: A History. The Making and Impact of the Bible* (Lion Hudson; Oxford 2004) 170-171.

<sup>28</sup> Cf. A. VERNET (avec la collab. d'A.-M. GENEVOIS), *La Bible au Moyen Âge: Bibliographie* (Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS); Paris 1989) 50-51; H.W. ROBINSON, *The Bible in Its Ancient and English Versions* (Oxford 1954<sup>2</sup>).

Entretanto, foi publicada em 1537 a versão geralmente denominada *Matthew Bible* (ou *Matthew's Version*) por John Rogers sob o pseudónimo de «Thomas Matthew», para ocultar do rei Henrique VIII a participação de Tyndale na tradução. De facto, a *Matthew Bible* combinava o trabalho de três pessoas: Tyndale, Myles Coverdale e John Rogers. Assim, um ano depois da morte de Tyndale, bíblias que usavam o seu trabalho de tradução circulavam amplamente na Inglaterra.

Esta obra foi completada por Coverdale. Em 1537 Henrique VIII encomendou-lhe a preparação de uma nova Bíblia inglesa, que, por decreto real, se devia pôr ao alcance dos fiéis para ser lida em voz alta em todas as igrejas da Inglaterra. Por isso, ficou conhecida como a *Great Bible*, devido às suas grandes dimensões. Era uma revisão da *Matthew Bible*, revisão baseada muito na tradução de Tyndale e das suas revisões posteriores. Foi impressa pela primeira vez em 1539. Agradou a Henrique VIII, a quem foi dedicada. Foi a primeira Bíblia em inglês *autorizada*, autorizada por Henrique VIII. Porque Sir Thomas Cromwell, secretário de Henrique VIII, dirigiu a sua publicação, é também conhecida como *Cromwell Bible*. Ainda é conhecida como: *Whitchurch's Bible*, devido ao nome do impressor, *Chained Bible*, por ter de estar *acorrentada* para não ser roubada das igrejas, e *Cranmer's Bible*, por Thomas Cranmer ter escrito um prefácio para a segunda edição.

Durante o seu breve reinado, a católica rainha Mary I suspendeu todas as impressões e publicações de bíblias em inglês no reino. Só as tipografias continentais podiam ser úteis para tal. Surgiu assim, em 1557-1560, a publicação da *Geneva Bible*, de pequeno formato, relativamente fácil de introduzir clandestinamente na Inglaterra. Traduzida por protestantes ingleses auto-exilados em Genève, atingiu cerca de 150 edições. Foi a Bíblia de Shakespeare, de Cromwell e dos puritanos da Nova Inglaterra (a devoção e a erudição andavam então associadas). Outra tradução, em 1568, foi a *Bishops' Bible*, feita pelo arcebispo de Cantuária e outros bispos, considerada uma melhor tradução do que a *Great Bible*.

Portanto, no fim do século XVI, os protestantes ingleses tinham estas duas Bíblias (*Geneva Bible* e *Bishops' Bible*) que competiam pelo primeiro lugar. Esta rivalidade preparou o terreno para a *King James Version*. Na Conferência de Hampton Court, em 1604, o rei James I (James VI da Escócia), tendo reunido um grupo de bispos e puritanos, *autorizou* que fosse

feita uma nova tradução única, sem notas doutriniais, que substituisse os textos divergentes da *Bishops' Bible*, muito inspirada na tradução de Tyndale, e da *Geneva Bible*. Iniciada em 1604, apenas foi terminada em 1611.

A *Authorized Version*, geralmente designada como *King James Version* [*KJV*] ou *King James Bible*, foi publicada pelo impressor real Robert Barker, sendo assim a terceira tradução oficial/autorizada em língua inglesa, após a já referida *Great Bible* e a *Bishops' Bible*, cuja revisão substancial em 1572 se tornou o texto base para a *Authorized King James Version*. O original desta resulta, pois, de um século de anteriores traduções inglesas: Tyndale, Coverdale, *Matthew Bible*, *Great Bible*, *Taverner's Bible* (que era uma revisão da *Matthew Bible* editada por R. Taverner, publicada em 1539), *Geneva Bible* e *Bishops' Bible*. O grupo de tradutores – estudiosos anglicanos, linguistas e teólogos, clérigos e leigos – era de uma erudição sem igual e representava o mundo intelectual combinado das duas importantes universidades inglesas: Oxford e Cambridge. Trabalharam na base dos melhores manuscritos (as edições gregas de Erasmo, as de Robert Estienne...). O Novo Testamento foi traduzido do grego, o Antigo Testamento, do hebraico, do grego e do latim. Na primeira metade do séc. XVIII, a *Authorized Version* era já a única tradução inglesa usada nas igrejas anglicanas e protestantes, tendo vindo a suplantar a *Vulgata* como versão padrão da Escritura para os eruditos de língua inglesa. Gradualmente, a *KJV* veio a estabelecer-se como a tradução definitiva e como a Bíblia inglesa por excelência. A *Geneva Bible* foi publicada pela última vez em 1644.

A história da produção da *King James Version* comprova o poder da Bíblia e relata a sua influência na língua inglesa moderna, na história de Inglaterra e na fé de milhões de leitores. Ela preserva o mais alto nível e o mais elevado uso da língua inglesa. A beleza intemporal e a emoção humana da sua tradução contribuíram para a língua inglesa se ir formando com o timbre da palavra de Deus. O seu inglês é mais belo do que qualquer outra obra literária do tempo. Isto explica em parte por que a *Authorized Version* mantém a sua frescura e lucidez enquanto outras obras do mesmo período são difíceis de ler. É um ponto de referência no desenvolvimento da prosa inglesa e um testemunho clássico da língua. O seu estilo elevado e elegante mas natural já foi classificado como inglês bíblico. Além do inegável contributo para o desenvolvimento da cultura, da arte e da língua, teve enorme influência na literatura inglesa, como é evidente nas obras

de Shakespeare, Bunyan, Milton, Dryden, Walter Scott, William Blake, etc.<sup>29</sup>. “[A *Authorized Version*] levada até aos confins da Terra por colonizadores e missionários de língua inglesa, disponibilizada em inúmeros formatos e cada vez mais barata, tinha-se tornado, aquando de uma vasta revisão em 1769, o texto dos textos. Para ser lido em casa e na igreja, para ser memorizado, para ser citado em todos os contextos concebíveis da vida pública e privada, para ser cantada (através dos Salmos), para ser traduzida, por sua vez, nas línguas da ilha Baffin e do Kalahari”<sup>30</sup>.

Permaneceu pelos séculos fora como Bíblia dos anglicanos e, enquanto marco de referência na história das Bíblias inglesas, exerceu profunda influência na Igreja inglesa<sup>31</sup>. De 1881 a 1884 apareceu a sua revisão, que foi chamada *The Revised Version (RV)*. Uma ulterior revisão foi levada a cabo entre 1946 e 1957, chamada *The Revised Standard Version (RSV)*, aceite por quase todas as Igrejas protestantes (teve segunda edição em 1971). Em 1989 saiu *The Revised Standard Version*<sup>32</sup>. No ano de 2011 celebrou-se o quarto centenário da sua primeira edição em 1611.

Entretanto houve numerosas versões alternativas: *O Novo Testamento*, de Moffatt (1913), *A Bíblia completa: uma tradução americana*, de Goodspeed (1938), o influente Novo Testamento em inglês moderno, de Phillips (1958-1972). Em 1946 uma conferência de representantes das principais Igrejas protestantes promoveu uma nova versão, que tivesse em conta o progresso dos estudos bíblicos: surgiu assim a *New English Bible* (1961-1970), em língua moderna e clara.

Na América fez-se uma revisão da *Versão autorizada*, chamada *American Standard Version (SV)* (1900-1901). Em 1971 saía, completa, a *New American Standard Bible (NASB)*. Procurando conservar a fidelidade literal da versão de 1901, com gramática e terminologia contemporâneas, é fiel às

<sup>29</sup> Cf. M.L.B. PIRES, “A versão King James da Bíblia”, *Gaudium sciendi*, n.º 3 (Janeiro 2012: suporte informático) 114-120.

<sup>30</sup> G. STEINER, *A Bíblia hebraica e a divisão entre judeus e cristãos* (Antropos; Relógio D’Água; Lisboa 2006) 31; cf. pp. 19-32.

<sup>31</sup> Cf. M. BASTIAENSEN, “La version autorisée, dite aussi Bible du roi Jacques”, *Le grand siècle et la Bible* (dir. J.-R. ARMOGATHE) (Bible de tous les temps 6; Beauchesne; Paris 1989) 361-381; J.L. JONES, “Translations (to the KJV)”, *A Dictionary of Biblical Interpretation* (eds. R.J. COGGINS – J.L. HOULDEN) (SCM Press – Trinity Press International; London – Philadelphia 1990) 704-707.

<sup>32</sup> Veja o amplo tratamento que dá às versões da Bíblia na Inglaterra o estudo de F.B.A.S.L. GREENSLADE (ed.), *The Cambridge History of the Bible. The West from the Reformation to the Present Day* (At the University Press; Cambridge 1963) 141-174.361-382.

línguas originais e amplamente considerada como uma das traduções mais literais da Bíblia para o inglês no séc. XX<sup>33</sup>.

Em 1970 saiu *The New American Bible*, nova versão inglesa católica.

Em 1976 apareceu em Londres e em Nova Iorque uma versão completa, baseada no princípio das equivalências dinâmicas, chamada *Good News Bible*, com algumas diferenças entre a edição inglesa e a americana. *The Anchor Bible* é fruto da colaboração ecuménica de católicos, protestantes e hebreus, que tinha previsto 59 volumes. “Mas é justo que se diga que nenhum destes esforços desviou a *Versão Autorizada* da sua posição central nas línguas inglesas e nas numerosas sociedades em que hoje, à escala planetária, o anglo-americano é falado”<sup>34</sup>.

## Versões espanholas

Na Espanha medieval, ao contrário dos judeus – que aprendiam a ler o texto sagrado em hebraico logo desde os quatro anos de idade, acompanhado de traduções vernáculas que serviam de apoio à compreensão da língua sagrada hebraica – o cristão não estava obrigado a ler a Bíblia. Tudo o contrário. Lia os trechos bíblicos que faziam parte da liturgia e, nos exercícios de piedade, recitava os salmos, meditava passagens do Novo Testamento e lia outros textos incluídos nos Livros de Horas. Mas eram poucos os cristãos espanhóis que dedicavam o seu tempo à leitura da palavra divina.

Dado que em Espanha o latim permaneceu como língua literária até meados do séc. XII, só desde então se começaram a traduzir livros bíblicos para o vernáculo. O desenvolvimento da cultura bíblica no povo, favorecida pela difusão, até então desconhecida, dos livros sagrados em língua vulgar é o grande contributo e um dos factos mais chamativos dessa época. Porque o povo não entendia o latim da Bíblia *Vulgata*, foram-se traduzindo os seus vários livros para o castelhano: as *Bíblis romanceadas* – postas

<sup>33</sup> Cf. E.S. FRERICH, “Versions, English (American)”, *The Anchor Bible Dictionary*, VI (ed. D.N. FREEDMAN) (Doubleday; New York – London – Toronto – Sydney – Auckland 1992) 834-838. Referência a mais bíblias em inglês: P. ELLINGWORTH, “Translations (Modern)”, *A Dictionary of Biblical Interpretation* (eds. R.J. COGGINS – J.L. HOULDEN) (SCM Press – Trinity Press International; London – Philadelphia 1990) 707-710.

<sup>34</sup> Cf. G. STEINER, *Linguagem e silêncio* (Ensaio; Gradiva 2014) 305-323.

*en romance*, língua vulgar espanhola derivada do latim<sup>35</sup>. Foi notável nessa obra o contributo dos judeus sefarditas espanhóis, que estavam nas escolas de tradutores, como a de Córdoba (séc. X), a de Tarragona (séc. XI) e sobretudo a de Toledo (séculos XII e XIII).

Contudo, a primeira tradução (parcial) da Bíblia para o castelhano provém, não do mundo judaico, mas do Oriente. Num relato que resume a narrativa bíblica e que, segundo parece, o terceiro patriarca de Antioquia, Almerich [Aimeric] Malafaida, enviou ao arcebispo D. Raimundo de Toledo lá pelo ano 1142, a pedido deste inseriu vários e extensos textos do Antigo Testamento traduzidos para o castelhano, quase sempre a partir do hebraico, numa língua contemporânea do «Poema del Mío Cid» (outros críticos pensam que teria sido escrita em latim, no francês de Limousin ou em gascão, e que a versão castelhana não é anterior a 1220 ou 1230: então seria um primeiro resultado do concílio de Latrão de 1215, que recomendou traduzir a Bíblia às línguas faladas). Mas o ato de ‘romancear’ o texto bíblico, em que se sustenta a composição da obra, pode ser bastante anterior ao princípio do séc. XIII. As referências bíblicas não se inserem de acordo com um relato histórico linear, mas sim ao fio das referências a diferentes lugares num percurso imaginário pela Terra Santa. As poucas referências do Novo Testamento reduzem-se a breves citações da *Vulgata* latina. O entrosamento entre passagens do Antigo e do Novo Testamento é contínuo, sobretudo a propósito de lugares cheios de simbolismo que condensam a história hebraica e cristã. Este escrito, denominado *Fazienda de Ultramar*, conserva-se num único manuscrito (da biblioteca universitária de Salamanca)<sup>36</sup>.

O interesse de grande parte da alta nobreza ou de alguns reis, como Alfonso X el Sabio (1252-1284) e Juan II de Castela (1406-1453), pelos textos bíblicos foi decisivo para o nascimento em Castela de um novo humanismo em torno da Bíblia<sup>37</sup>. Alfonso X empreendeu com os seus

<sup>35</sup> Cf. G. AVENOZA, “Las traducciones de la Biblia en castellano en la Edad Media y sus comentarios”, *La Biblia en la literatura española* (dir. G. del OLMO LETE) I. *Edad Media* (coord. M.I. TORO PASCUA) I/2: *El texto: Fuente y autoridad* (Trotta – Fundación San Millán de la Cogolla; Madrid 2008) 13-56.

<sup>36</sup> Cf. P. SÁNCHEZ-PRIETO BORJA, “La Biblia en la historiografía medieval”, *La Biblia en la literatura española* (dir. G. del OLMO LETE) I. *Edad Media* (coord. M.I. TORO PASCUA) I/2: *El texto: Fuente y autoridad* (Trotta – Fundación San Millán de la Cogolla; Madrid 2008) 101-112.

<sup>37</sup> Pôr o texto bíblico *en romance* era obra para poucas pessoas. Além do interesse cultural,



colaboradores, a partir de 1270, o projeto da sua *General Estoria*, querendo narrar os factos da história universal. Esta que é “a obra mais ambiciosa das letras medievais castelhanas”<sup>38</sup>, não tem paralelo até esse momento na Idade Média europeia. Tomando como padrão a narração da história bíblica desde o princípio do Génesis às guerras dos Macabeus, foi intercalando nela os acontecimentos mais notáveis das restantes culturas então documentadas, num movimento entre a história sagrada e a profana e com amplísimas digressões sobre os mais variados temas, como o das fontes do Nilo no *Génesis*. Busca “la verdat de todas las cosas”. Saiu um texto caldeado e parafraseado com outros, particularmente com a versão da *Historia Scholastica*, de Pedro Coméstor. Onde segue o texto bíblico, traduz do latim da *Vulgata* (sem excluir ‘romanceamentos’ bíblicos anteriores)<sup>39</sup>. Como foram várias as pessoas e equipas que levaram a cabo a tarefa, a tradução da Bíblia assume diversas modalidades e estilos, longe de ser uniforme: numa passagens é estritamente literal, noutras recorre continuamente à glosa. Do desígnio estrutural original, que pretendia ligar a história bíblica com a grega e romana e chegar até aos anos do reinado do próprio monarca, conservam-se seis partes (as duas últimas, incompletas). O final do manuscrito da quarta parte (na biblioteca Vaticana) está datado em 1280. A obra patrocinada por Afonso X ficou interrompida com a morte do monarca em 1284. Ainda não existe uma edição crítica íntegra do seu conjunto. Está imbuída de intenção moralizante: os historiadores medievais encontravam na Bíblia um amplo sortido de personagens e de comportamentos que propunham como modelo de ação, a imitar ou a rejeitar.

Dito isto, convém ter presente que, se esta versão *en romance* da Bíblia foi feita antes de qualquer versão bíblica ibérica, o interesse por textos bíblicos acessíveis aos *iletrados* não começou com ela. O próprio testemunho da *Crónica de Alfonso X* afirma que em 1260 se traduziu “o Eclesiástico e toda a Bíblia”. Já antes de finalizar as versões de Alfonso X existia um texto praticamente completo da Bíblia *en romance*, representado ao menos por

requeria-se avultada disponibilidade económica. Por isso, na encomenda de traduções da Bíblia encontram-se principalmente reis (Alfonso X el Sabio e D. Duarte de Portugal) e grandes senhores, como D. Luís de Guzmán.

<sup>38</sup> P. SÁNCHEZ-PRieto BORJA, “La Biblia en la historiografía medieval”, *La Biblia en la literatura española* (dir. G. del OLMO LETE) I. *Edad Media* (coord. M.I. TORO PASCUA) I/2: *El texto: Fuente y autoridad* (Trotta – Fundación San Millán de la Cogolla; Madrid 2008) 126; veja pp. 112-154.

<sup>39</sup> A língua grega era praticamente desconhecida nos séculos XII e XIII.

dois códices de El Escorial: um, num castelhano que poderia remontar à época anterior à de Alfonso X, outro, uma cópia navarro-aragonesa ou aragonesa do séc. XV, cujo original remontaria ao início da segunda metade do séc. XIII. Tanto uma como a outra cópia devem ter sido conhecidas dos redatores da *General estoria*. Falta muito pouco para obter o texto íntegro de uma tradução da Bíblia anterior à de Alfonso X.

Tanto os manuscritos da *General estoria* como as traduções anteriores partem fundamentalmente da *Vulgata*. O resto dos códices bíblicos mantém relação mais ou menos estreita com antecedentes hebraicos. A influência dos judeus espanhóis cristalizou nas primeiras versões para as línguas vernáculas da Península Ibérica, especialmente para o castelhano, mas também para o português, valenciano e catalão<sup>40</sup>. É de notar também que, antes da elaboração dos grandes códices bíblicos castelhanos, as primeiras versões da Bíblia *en romance* tiveram vida efémera.

Das bíblias medievais *romanceadas* em Espanha, as que se encontram fora de Espanha estão todas em Portugal. São célebres os volumes conservados na biblioteca do palácio da Ajuda e na biblioteca pública de Évora. Esta preciosa posse poderia explicar-se pela fuga ou expulsão de muitos judeus de Espanha: alguns penetraram por algum tempo em Portugal, abrigados pela proteção real, e estariam interessados em conservar uma Bíblia, que podia ser facilmente lida em Portugal, já que a nobreza portuguesa manteve até ao séc. XVI bom conhecimento do castelhano. Mas o exemplar conservado na biblioteca da Ajuda não chegou a Portugal através de um judeu. O seu primeiro possuidor conhecido foi D. Afonso V. Veio para Portugal trazido por Isabel de Urgel, dama criada na corte castelhana, que em 1429 se casou com Pedro de Coimbra, irmão do rei e peça fundamental na governação do reino. Quando a sua filha Isabel se casou com D. Afonso V em 1447, a Bíblia pode ter chegado à biblioteca real. É sabido que depois do falecimento da sua esposa em 1455, D. Afonso V perdeu todo o interesse pelas coisas que se relacionavam com ela. Não admira, pois que se desfizesse da Bíblia. Foi parar às mãos de um almoxarife (cobrador de impostos, da comunidade judia de Lisboa). Depois, foi posse do

<sup>40</sup> Cf. E.M. WILSON, "Spanish Versions of the Bible to c. 1600", *The Cambridge History of the Bible. The West from the Reformation to the Present Day* (ed. F.B.A.S.L. GREENSLADE) (At the University Press; Cambridge 1963) 125-129.

cirurgião-mor do reino, até chegar à biblioteca de Bragança no séc. XVI, para regressar, passados dois séculos, à biblioteca régia.

Trata-se de um códice copiado entre 1420 e 1430. Está em bom estado de conservação, com iniciais dos livros historiadas e iluminadas com grande esmero. Contém o Pentateuco, mais os livros de Josué e Juízes, acrescentando no fim a *Megil-lat Antiochus, Rolo de Antioco, romanceada*, tradução de um texto hebraico, de carácter lendário, cujo original teria sido aramaico ocidental, em data discutida (séc. II? séc. VIII d.C.?). A versão castelhana deste apócrifo transmitida pela Bíblia da Ajuda – cuja *editio princeps* é de 1481-1482 – é a mais antiga das versões para uma língua não semítica e a primeira das europeias conhecidas. Explica as gestas dos Macabeus, culminando com a sua entrada vitoriosa em Jerusalém, com a restauração do templo e com o milagre da almotolia de azeite. É uma obra que estava bastante difundida na Idade Média<sup>41</sup>.

Na biblioteca pública de Évora encontra-se o que parece ser o segundo volume de uma Bíblia pensada para encadernar-se em dois volumes (o que suporia que se terá perdido o primeiro). É uma cópia acabada no dia 4 de Agosto de 1429, para Pero Alfonso de Toledo, tradução a partir do hebraico: contém o texto bíblico desde o Saltério até ao segundo livro de Crónicas.

Em El Escorial conservam-se vários testemunhos de traduções do séc. XV (por exemplo, com traços linguísticos da região de León), feitas a partir de originais hebraicos anteriores, de fins do séc. XIII ou princípios do séc. XIV<sup>42</sup>.

A tradução para o castelhano, sobre a qual possuímos mais informação, é a *Bíblia de Alba*, conhecida pelo nome da casa nobre que a possui. Só chegou a editar-se em fac-símile entre 1919 e 1922 por iniciativa do seu proprietário, o duque de Alba. Mas foi traduzida, copiada e iluminada entre 1422 e 1430. Tanto pelo texto como pelas glosas marginais e pelas 343 miniaturas, é testemunho único da colaboração entre judeus e cristãos em torno da Bíblia e da exegese judaica na Idade Média. Não há neste

<sup>41</sup> Cf. G. AVENOZA, “Las traducciones de la Biblia en castellano en la Edad Media y sus comentarios”, *La Biblia en la literatura española* (dir. G. del OLMO LETE) I. *Edad Media* (coord. M.I. TORO PASCUA) 1/2: *El texto: Fuente y autoridad* (Trotta – Fundación San Millán de la Cogolla; Madrid 2008) 21-30.50-51.

<sup>42</sup> A maioria dos manuscritos das Bíblias *en romance* está em El Escorial.

período uma Bíblia comparável à *de Alba*. Os historiadores consideram-na um monumento à tolerância no reinado de Juan II de Castela. A tradução foi encomendada pelo cristão Luís de Guzmán, Grão-Mestre da Ordem de Calatrava e amigo íntimo de D. Álvaro de Luna, a Mosé Arragel de Guadalajara, rabino da judiaria de Maqueda, próxima de Toledo. Resistiu ao convite. Mas por fim aceitou, aceitando também que o seu trabalho fosse revisto por frades cristãos, sob a supervisão de Frei Arias de Enzinas, superior do convento franciscano de Toledo<sup>43</sup>. Foi examinada pelo dominicano Juan de Zamora, da Universidade de Salamanca, e sujeita a uma disputa pública, a que assistiram teólogos e judeus e muçulmanos. O examinador definiu-a «tradução de um rabino em sentido católico». A Inquisição tolerou-a. Arragel deixou os critérios da sua tradução: diretamente do hebraico, mas tendo em conta a *Vulgata*, procurando harmonizar ambos os textos quando possível. Diferentemente de outras *en romance*, é uma Bíblia historiada e contém numerosas glosas (“para as passagens obscuras”) e comentários, que circundam o texto bíblico.

Acabada em 1430, é difícil averiguar o que aconteceu depois a tão precioso códice. Após longo período sem referências a ele, aparece confiscado nos arquivos da Inquisição em 1622. Os documentos inquisitoriais sugerem que essa Bíblia procedia de um convento de Valladolid. Também foi emprestado ao carmelita Francisco de Jesús y Jordá, capelão de Sua Majestade. Em 1624 o inquisidor geral Andrés Pacheco deu autorização ao Conde-Duque de Olivares, D. Gaspar de Guzmán, enquanto descendente da família do Mestre de Calatrava, para a conservar na sua biblioteca. Em 1688 passou para as mãos da Casa de Alba, unida por laços matrimoniais à Casa do Conde Duque. É propriedade da duquesa de Alba, que a tem bem conservada no palácio de Liria de Madrid.

A tradução da Bíblia para as línguas faladas pelo povo teve nos humanistas do Renascimento o melhor aliado, com a colaboração direta, por exemplo, de Erasmo. Aliás, os apologistas da tradução da Bíblia não estavam só em campo protestante: abundavam também entre os católicos, antes do concílio de Trento e da Reforma protestante: havia em vários países

<sup>43</sup> Cf. G. AVENOZA, “Las traducciones de la Biblia en castellano en la Edad Media y sus comentarios”, *La Biblia en la literatura española* (dir. G. del OLMO LETE) I. *Edad Media* (coord. M.I. TORO PASCUA) 1/2: *El texto: Fuente y autoridad* (Trotta – Fundación San Millán de la Cogolla; Madrid 2008) 14-15.

européus a Bíblia ou parte dela em línguas vulgares, editada sem qualquer dificuldade<sup>44</sup>. No séc. XVI começaram as versões do Antigo Testamento, feitas sobre o texto hebraico. O que mais atraía os fiéis era o Saltério: uma das muitas traduções para castelhano foi editada em Lisboa, em 1529. A procura da Bíblia por parte dos fiéis espanhóis aumentava constantemente. Durante o final do séc. XV e até meados do século XVI, fizeram-se numerosas traduções parciais da Bíblia, bem como inumeráveis livros de piedade com textos bíblicos.

Mas esse florescimento bíblico também tinha tido dificuldades, principalmente por causa dos judaizantes e de algumas heresias. As autoridades eclesiásticas e civis em Espanha proibiram repetidas vezes a tradução e a leitura da Bíblia na língua vulgar. Tal já acontecera nos concílios de Tolosa em 1229 e de Tarragona (em 1233, contra a heresia dos albigenses<sup>45</sup>). O sucesso de tais proibições foi corroborado pela queima pública de bíblias por parte da Inquisição e de indivíduos que temiam o dedo acusador da mesma Inquisição. Mas o sucesso de tais proibições foi limitado no tempo e no espaço. Por isso se repetiam. E podia-se obter licença para possuir e ler a Bíblia.

As proibições de a ler estavam estreitamente ligadas ao fenómeno da difusão das heresias no sul de França (albigenses, cátaros, valdenses...). Os seus adeptos insistiam na sua leitura, interpretando-a à margem do entendimento que dela tinha a hierarquia eclesiástica, que alegava que a leitura do texto em vernáculo poria em perigo a vida espiritual dos fiéis.

Na comunidade judaica as proibições de ler o texto bíblico vernáculo tinham a ver com a sacralidade da língua hebraica. Mas não produziam efeito, pois, não sendo o hebraico compreensível, impunha-se a leitura na língua vulgar.

<sup>44</sup> Segundo D. Bartolomé Carranza, que participou nas discussões do concílio de Trento, teria havido Bíblias em espanhol, sem problema. E teria havido duas proibições da Bíblia em língua vulgar: uma, depois da expulsão dos judeus, durante o reinado dos «reis católicos», e outra, depois da aparição do protestantismo, no tempo de D. Carlos V.

<sup>45</sup> “Estabelece que ninguém possua os livros do Antigo ou do Novo Testamento em língua vulgar [*in Romancio*]. Se alguém os tiver, dentro de oito dias depois da publicação desta constituição... entregue-os ao Bispo do lugar para serem queimados. Se não o fizer, seja clérigo, seja leigo, considere-se suspeito de heresia”: citado no original latino por H. ALVES, “A Bíblia nas missões portuguesas (séculos XVII-XVIII)”, *Didaskalia* 35 (2005) 712, que recolhe mais dados sobre o tema.

Outro perigo era visto na interpretação que os protestantes faziam das Sagradas Escrituras. Os inquisidores, antes de condenar à fogueira um texto bíblico traduzido *en romance* a partir da *Vulgata*, examinavam-no cuidadosamente. Mas a prática levava à fogueira a maior parte dos exemplares em língua vulgar.

Chegando em 1497 a Valencia o édito que proibia «bíblias vulgares» em Espanha, o inquisidor valenciano mandou recolher e queimar as bíblias que pôde. Em 1492 tinham-se queimado em Salamanca cerca de vinte volumes. Em Barcelona aplicou-se com todo o rigor o decreto do inquisidor, queimando-se todos os exemplares de uma edição da Bíblia em catalão, impressa em Valencia. Mas as dificuldades aumentarão imediatamente antes do concílio de Trento, altura em que foi travado o ímpeto da piedade popular com a proibição da tradução e da leitura da Bíblia nas línguas vulgares.

Os Bispos espanhóis e seus teólogos no concílio de Trento consideravam um perigo que qualquer pessoa pudesse ler a Bíblia, sem esclarecimento do seu sentido, com o risco de interpretações distorcidas. Para afastá-la do povo sem proibi-la aos clérigos, pensaram que o remédio seria não traduzi-la<sup>46</sup>. Mas tal opinião não era partilhada pelos bispos alemães, italianos e franceses, por não existir esse problema nos seus países (enquanto em Espanha a leitura da Bíblia em língua vulgar tinha tido proibições desde havia muito tempo, na Alemanha a publicação da Bíblia em língua vulgar nunca tinha sido oficialmente proibida). Só a Espanha adotou essa posição, julgada indispensável. Na 4.<sup>a</sup> sessão do concílio, em 1546, o teólogo Alfonso de Castro e o cardeal Pacheco discursaram contra a difusão e a leitura generalizada da Bíblia em língua vulgar, pelos perigos que a sua interpretação pessoal suporia para a fé. Temiam que se tornasse fonte de heresias, fazendo dizer-lhe tudo o que se queria<sup>47</sup>.

O resultado da discussão teológica e disciplinar sobre as versões da Bíblia para línguas vulgares foi que, por hábil intervenção dos legados

<sup>46</sup> Também contavam com o apoio do poder civil neste assunto.

<sup>47</sup> Fr. Alfonso de Castro, professor em Salamanca e teólogo do concílio de Trento, considerava as traduções da Bíblia para as línguas vulgares “a mãe de todas as heresias”. Em 1541 escrevia na sua obra *Adversus omnes haereses*: “Las herejías no vienen por la lectura de las Sagradas Escrituras, sino de su perversa inteligencia... Las traducciones de los libros sagrados a las lenguas vulgares producen más daño que la lectura de los filósofos gentiles...”: citado em J. ENCISO, “Prohibiciones españolas de las versiones bíblicas en romance antes del Tridentino”, *Estudios bíblicos* 3 (1944) 545.548.

pontifícios, esse escaldante tema passou em silêncio no decreto final sobre as Sagradas Escrituras, aprovado em Abril de 1546. Os Padres do concílio abstiveram-se de legislar sobre a polémica questão que dividia as opiniões. A grande maioria dos Padres estava com a posição de Alfonso de Castro, apadrinhada pelo cardeal Pacheco. Na minoria estava o influente cardeal Madruzzo, príncipe-bispo de Trento, com outros bispos italianos de grande personalidade e autoridade: ele defendia contra o cardeal Pacheco a inoportunidade de proibir a leitura da Bíblia em língua vulgar, pois iria interromper uma tradição secular.

Mas o silêncio do concílio sobre a proibição da Bíblia para línguas faladas foi de pouca dura: a postura adotada no concílio pelos prelados espanhóis exprimiu-se depois no *Índice* de livros proibidos, de 1551, que proibia uma série de bíblias suspeitas, que circulavam por Espanha e pela Europa, mas também as bíblias “*en romance* castelhano ou em qualquer outra língua vulgar”, embora não dissesse nada das traduções parciais<sup>48</sup>. *Índice* mais severo será o de Paulo IV em 1559, rol de livros proibidos pela Inquisição sob o comando do mesmo inquisidor geral Fernando de Valdés<sup>49</sup>. Mandava retirar da circulação, não só as Bíblias em língua vulgar e os diversos livros bíblicos publicados separadamente, mas também “*todos e quaisquer sermões, cartas, tratados, orações e qualquer outro manuscrito que fale ou trate da Sagrada Escritura*”. Nem sequer permitia livros com citações bíblicas *en romance*<sup>50</sup>. Proibia categoricamente a tradução, impressão, publicação, posse e leitura da Bíblia em qualquer língua vulgar, especialmente em castelhano<sup>51</sup>. O *Índice* do Papa Pio IV, promulgado em 1564, que recolhia em grande parte o resultado das acesas discussões dos

<sup>48</sup> Entre os livros proibidos nesse *Índice* estava a *General Estoria*, de Alfonso X.

<sup>49</sup> Associava o uso e a posse de versões da Bíblia a uma licença do S. Ofício da Sagrada Inquisição Romana.

<sup>50</sup> Textos em J.M. SÁNCHEZ CARO, “La Biblia en España”, *La Biblia en su entorno* (GONZÁLEZ ECHEGARAY, J. *et alii*) (Introducción al estudio de la Biblia 1; Verbo divino; Estella 1992) 564; veja pp. 553-574. Neste «Índice», que também proibia os livros heréticos de além-Pirenéus, não faltaram obras dos «espiritualistas espanhóis», como Francisco de Osuna, Fr. Luís de Granada, Barnabé de Palma, Bartolomeu de Carranza, S. João de Ávila e S. Francisco de Borja e qualquer livro de piedade (como os textos do Ofício Divino) que tivesse citações bíblicas longas.

<sup>51</sup> “Porque hay algunos pedazos de Evangelios e epístolas de san Pablo y otros lugares del Nuevo Testamento en vulgar castellano, así impresos como de mano, de que se han seguido algunos inconvenientes, mandamos que los tales libros y tratados se exhiban y se entreguen al Santo Oficio... hasta que otra cosa se determine en el Consejo de la Santa Inquisición”: citado por H. ALVES, “A Bíblia nas missões portuguesas (séculos XVII-XVIII)”, *Didaskalia* 35 (2005) 712; cf. pp. 701-720.

Padres conciliares em Trento, não era tão severo: permitia a leitura da Bíblia latina “só aos varões doutos e piedosos”, com licença escrita do bispo local ou do inquisidor, e em língua vulgar com licença do pároco, do confessor ou do superior religioso<sup>52</sup>.

Em Espanha, porém, impôs-se a severidade do *Índice* de 1559. Por isso, os escritores espiritualistas iriam fazer muito uso da licença das citações da Bíblia em língua vulgar. Frei Luís de Granada até publicou em 1556, no apêndice da sua obra *Guia de pecadores*, uma antologia do Novo Testamento. O mestre da universidade de Salamanca, Frei Luís de León, lamentou a funesta proibição de tradução que pesava sobre os livros sagrados e provocava a ignorância da Bíblia no povo crente, ávido de a conhecer; desejou que ao menos fossem redigidos em língua vulgar textos tirados das Sagradas Escrituras para suprirem a falta da Bíblia inteira. Fez uma *Exposição ao Cântico dos Cânticos* castelhana, com uma novidade para aquele tempo: apesar de proibidas as traduções da Bíblia para línguas vulgares, ele levou a cabo essa tradução que dava preferência ao texto hebraico, comentado segundo o sentido literal<sup>53</sup>. Foi sequestrado e encarcerado em Valladolid e submetido a um processo da Inquisição, acusado de ter negado o valor da *Vulgata* e de ser partidário da sua correções de ter traduzido para língua vulgar o Cântico dos Cânticos, de o ter interpretado erroneamente e de ser suspeito de heresia<sup>54</sup>.

Assim, a proibição de traduzir a Bíblia foi uma das medidas mais prejudiciais para a Igreja espanhola na Contra-reforma, com consequências muito sérias para a sua leitura<sup>55</sup>. As tentativas de traduzir partes dela, usadas em geral para a liturgia, desafiavam a Inquisição e nunca puderam ser publicadas, até 1780.

<sup>52</sup> Texto em H. ALVES, *Documentos da Igreja sobre a Bíblia* (Dinamização bíblica 34; Difusora bíblica – Gráfica de Coimbra 2; Fátima – Assafarge 2011) 135-136. O *Índice* de Clemente VIII (1596) reservou à Santa Sé a concessão da licença do uso da Bíblia em língua vulgar. Sobre o contexto dos *Índices* em Portugal, cf. M.R.Th. BARATA, “A propósito de uma citação bíblica”, *Percursos do Oriente antigo*. Estudos de homenagem ao Professor Doutor José Nunes Carreira na sua jubilação académica (dir. J.A. RAMOS – L.M. de ARAÚJO – A.R. dos SANTOS) (Instituto Oriental; Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; 2004) 555-566.

<sup>53</sup> FRAY LUIS DE LEÓN, *Cantar de Cantares* (Edición y prólogo de Jorge Guillén; Pedal 124; Sígueme; Salamanca 1980).

<sup>54</sup> Depois de cinco anos de reclusão, teve o gozo de ver triunfar os seus critérios e foi absolvido.

<sup>55</sup> Cf. F.B.A.S.L. GREENSLADE (ed.), *The Cambridge History of the Bible. The West from the Reformation to the Present Day* (At the University Press; Cambridge 1963) 354-355.



Diferente sorte tiveram as traduções feitas por judeus e por protestantes. Devido à expulsão dos judeus em 1492 e, mais tarde, ao confronto da política espanhola com a Reforma protestante, as duas primeiras traduções da Bíblia para o espanhol são bíblias do exílio<sup>56</sup>.

Das duas é famosa a chamada *Biblia de Ferrara* ou *dos Hebreus*, contendo o Antigo Testamento, aparecida em Ferrara em 1553, com pretensões de uma tradução completa “segundo o hebraico”, que foi a mais reimpressa das versões espanholas antigas<sup>57</sup>. Visava propagar entre o povo um texto exato dos livros inspirados. Para isso, foi preciso prescindir da *Vulgata* oficial.

A outra é a primeira versão bíblica espanhola completa, levada a cabo por Casiodoro de Reina, ex-monge jerónimo de S. Isidoro de Sevilha, depois convertido ao protestantismo. É vulgarmente conhecida como *Biblia del Oso*, pela gravura que figura na capa. É uma tradução clássica, obra de grande envergadura, impressa em Basileia em 1569, após doze anos de trabalho<sup>58</sup>. O Novo Testamento foi traduzido a partir da língua original; o Antigo Testamento, essencialmente a partir da literal versão latina do dominicano Sante Pagnini. Também usou a *Biblia de Ferrara*. Mas é linguisticamente melhor do que ela. Coloca os deuterocanónicos do Antigo Testamento ao fim. Teve várias revisões posteriores. Foi a versão mais frequentemente editada pelas Sociedades Bíblicas. Continuam a usá-la os protestantes de língua espanhola de quase todo o mundo<sup>59</sup>.

Já no séc. XX, as edições da Bíblia mais difundidas são as de E. Nácar e A. Colunga, *Sagrada Biblia* (versão das línguas originais; Madrid 1944) e a preparada por J. M. Bover e F. Cantera (Madrid 1947).

L. Alonso Schökel e Juan Mateos dirigiram uma versão de toda a Bíblia, cujo interesse específico assenta no valor literário, com o título *Los libros sagrados*: texto e comentário a cada livro bíblico. Contendo só o texto

<sup>56</sup> Cf. J.M. SÁNCHEZ CARO, *La aventura de leer la Biblia en España* (Salamanca 2000).

<sup>57</sup> *Biblia en lengua española traducida palabra por palabra de la verdad hebraica, por muy excelentes letrados, vista y examinada por el oficio de la Inquisición*. Con Privilegio del Ilustrísimo Duque de Ferrara... 1553.

<sup>58</sup> Cf. N. FERNÁNDEZ MARCOS – E. FERNÁNDEZ TEJERO, *Biblia y Humanismo*. Textos, talentos y controversias del siglo XVI español (FUE; Madrid 1997).

<sup>59</sup> Cf. J.M. SÁNCHEZ CARO, “Intervención de la Iglesia en la labor traductora. El caso de la Biblia en España”, *Salmanicensis* 49 (2002) 387-432; IDEM, *Biblia e Ilustración*. Las versiones de la Biblia en el siglo de las luces (Madrid 2011); IDEM, “Biblia e Ilustración. Las versiones de la Biblia al castellano en el siglo XVIII”, *Helmantica* 58 (2007) 397-496; IDEM, “Para una historia de la Biblia en España, *varia notitia*”, *Estudios bíblicos* 57 (1999) 643-664.

bíblico, saiu o volume *Nueva Biblia Española* (Cristiandad; Madrid 1975), que também deu nome a uma série de outros comentários a respetivos livros bíblicos<sup>60</sup>.

## Versões portuguesas

As traduções da Bíblia para português são tardias e a sua história nos tempos mais recuados é complexa, nem sempre clara por falta de elos na ligação de dados<sup>61</sup>. A sua leitura, rara entre os leigos e pouco familiar entre os clérigos, ia acontecendo em traduções vindas do exterior, mormente em castelhano, como mostram os exemplares manuscritos da Biblioteca da Ajuda em Lisboa e da Biblioteca Pública de Évora. O país católico que era Portugal não possuía nos séculos XV e XVI uma Bíblia completa na sua própria língua<sup>62</sup>. Essa realidade não significava desinteresse pelo texto sagrado; até havia grande estima por ele. A sua leitura e proclamação ia acontecendo na ‘língua sacra’ do latim, que o mantinha envolvido na aura do sagrado. Os letrados preferiam usar textos em latim, por lhe sentirem mais autoridade e para se afirmarem como *letrados*<sup>63</sup>.

Entre os interesses que motivaram as traduções da Bíblia para português estava o espiritual e doutrinal, mas também o linguístico e o cultural. As traduções foram-se fazendo à medida que o português ia ganhando estatuto de língua vernácula. Momento marcante foi o tempo de D. Dinis († 1325).

Ora, é precisamente daí que, no estado atual da nossa possibilidade de documentação, conhecemos a primeira tradução para português, mesmo assim, a partir de um texto parafraseado e sintetizado: a da *General Estoria*, de Alfonso X. Foi feita apesar de no Portugal desse tempo se ler

<sup>60</sup> Cf. A.P. DELL’ACQUA, “Versioni antiche e moderne della Bibbia”, *Introduzione generale alla Bibbia* (ed. R. FABRIS) (Logos: corso di studi biblici 1; Elle Di Ci; Torino 1994) 367-372.

<sup>61</sup> Incorporamos aqui, sem alterações substanciais, o exposto em A. dos S. VAZ, *Palavra viva, Escritura poderosa*: A Bíblia e as suas linguagens (Estudos teológicos 12; Universidade Católica Editora; Lisboa 2013) 244-252; veja pp. 235-254.

<sup>62</sup> Veja uma lista delas em H. ALVES, “Versões portuguesas da Bíblia”, *História do texto bíblico* (Actualidade bíblica 7; Difusora bíblica; Fátima 2004) 53-62; H. ALVES, em *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Série Monográfica, vol. VI (2010) 209-236.

<sup>63</sup> Cf. A.A. NASCIMENTO, “Dizer a Bíblia em português. Fragmentos de uma história incompleta”, *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Série monográfica, vol. VI (2010) 41-45.

o castelhano. Decorria o princípio do séc. XIV, pelo ano 1320. Desconhecemos o autor, que a tradição vê no rei D. Dinis. A ele se atribui, por equívoco, a tradução dos primeiros vinte capítulos do Génesis<sup>64</sup>.

D. João I († 1433) mandou traduzir, a partir da *Vulgata*, os *Evangelhos*, *Actos dos Apóstolos* e *Epístolas de S. Paulo* e o *Livro de Horas* (de Nossa Senhora), portanto, os *Psalmos*, que elas costumavam incluir.

O inventário da rica biblioteca do ilustrado rei D. Duarte († 1438) põe no rol o *Livro dos Evangelhos*, os *Actos dos Apóstolos*, *Genesy*, *O Livro de Salomon* e *Historia geral*, além de uma Bíblia em latim. Mas não indica claramente se a “linguagem” era a portuguesa ou outra, nem ficamos a saber o conteúdo correspondente aos títulos. *Genesy* deve corresponder a uma primeira parte da *General Estoria* de Alfonso X. No *Leal Conselheiro*, D. Duarte introduz citações bíblicas traduzidas, tendo-se servido para isso de uma tradução muito antiga do Novo Testamento.

Da grande produção de obras de carácter bíblico pelos monges do mosteiro de Alcobaça, entre os anos 1279 e 1325, possuímos as primeiras traduções do texto propriamente bíblico em língua portuguesa: a dos *Actos dos Apóstolos*, de Frei Bernardo de Alcobaça, que viveu no reinado de D. João II, e as chamadas *Histórias d’Abreviado Testamento Velho*, “de 1320 por diante”, do tempo de D. Dinis. Estas eram uma *Bíblia Historiada* do Antigo Testamento, desde o Génesis até aos Macabeus, que reduzia a *Historia Scholastica*, escrita por Pedro Coméstor no séc. XII em forma de resumo e comentário. O exemplar primitivo da *Bíblia Historiada* de Alcobaça ter-se-á perdido, restando-nos a edição do monge de Alcobaça, Frei Fortunato de S. Boaventura, de 1829. Versão diferente seria “uma tradução historiada do Antigo Testamento, Ms., feita no séc. XV, em Portuguez do tempo e por Theologo sabio e inteligente da língua Hebraica, de onde era trazida a interpretação”<sup>65</sup>.

Em 1479, Gonzalo Garcia de Santa Maria editou uma versão dos Evangelhos e das epístolas de S. Paulo. D. Leonor, esposa de D. João II, encomendou a Frei Bernardo de Alcobaça e a Nicolau Vieira a tradução da obra medieval *Vita Christi* (de Ludolfo de Saxónia), um dos mais importantes

<sup>64</sup> Cf. A.A. NASCIMENTO, “Dizer a Bíblia em português. Fragmentos de uma história incompleta”, *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Série monográfica, vol. VI (2010) 7-27.

<sup>65</sup> Texto citado em A.A. NASCIMENTO, “Dizer a Bíblia em português. Fragmentos de uma história incompleta”, *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Série monográfica, vol. VI (2010) 32.

incunábulo, impressa em 1495, segundo livro em português impresso em Portugal (depois do *Tratado de Confissom*, impresso em Chaves em 1489).

Esta preocupação por tornar acessível a Escritura mediante a tradução para as línguas vernáculas tinha ganhado raízes e tomado corpo nas *Bíblías romanceadas*. Mas, estas traduções são *historiadas*, não seguindo rigorosamente o *texto recebido*. Outras vezes são parafraseadas. Das primeiras traduções de textos bíblicos, fragmentárias, muitas ficaram manuscritas.

Um códice de Alcobça terminava com uma tradução portuguesa do *Livro de Job*, incompleta (sem ligação com a *Historia Scholastica*<sup>66</sup>), e com a tradução do *Livro de Jonas* a partir da *Vulgata*<sup>67</sup>, mais a de Gn 1-11 e de Ex 20-24. O texto bíblico vai ficando disponível em português, mas só por partes.

Tanto que, em 1899, a escritora Carolina Michaëlis de Vasconcelos julgava que “a literatura portuguesa, em matéria de traduções bíblicas medievais, é de uma pobreza desesperante, sobretudo quando comparada com os dados do resto da península, que, na mesma data”, foram considerados “um dos capítulos mais esplendentes da cultura ocidental”<sup>68</sup>. O fermento intelectual e religioso que no séc. XVI induziu outros europeus a fazerem novas versões eruditas da Bíblia nas suas próprias línguas não deixou muitos vestígios em Portugal. Em Abril de 2000 descobriu-se na biblioteca de All Souls College, em Oxford, a tradução erudita de um livro, o *Eclesiastes*, obra do humanista Damião de Góis, que contactou com Lutero e era amigo de Erasmo; feita em Bolonha em 1538, foi publicada por Stevão (Stefano) Sabio no mesmo ano em Veneza. Desconhecia-se a sua existência e nem se suspeitava que existisse. O seu desaparecimento “por mais de quatro séculos e meio mostra como foi reduzido o impacto que conseguiu ter no pensamento dos seus conterrâneos”<sup>69</sup>.

<sup>66</sup> Pode saborear o tom arcaico do códice com a “Estoria de Job”, em J. M. DE CASTRO, “Versão medieval inédita do Livro de Job”, *Didaskalia* 3 (1973) 83-131. 93-131. Foi copiado por um amanuense do séc. XVI.

<sup>67</sup> Pode ler a transcrição do manuscrito, em J. M. DE CASTRO, “Versão medieval inédita do Livro de Jonas”, *Didaskalia* 19 (1989) 186-189. A tradução já existia no ano 1558.

<sup>68</sup> Assim se exprime A.A. NASCIMENTO, “Dizer a Bíblia em português. Fragmentos de uma história incompleta”, *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Série monográfica, vol. VI (2010) 33-34.

<sup>69</sup> T.F. EARLE, na Introdução a DAMIÃO DE GÓIS, *O livro de Eclesiastes* (Fundação Calouste Gulbenkian; Lisboa 2002) 6; cf. pp. 3-6.

Provavelmente, semelhantes tentativas de tradução eventualmente feitas terão sido suprimidas, como no caso de António Pereira Marramaque. Fidalgo de Cabeceiras de Basto, foi acusado em 1564 de rebeldia contra decisões tridentinas e por discordar da proibição da tradução da Sagrada Escritura para a língua vernácula. “Em 1552 foi supliciado na fogueira, em Évora, Gil Vaz Bugalho, cristão-velho..., ao qual se atribuía a tradução de alguns livros da Bíblia para vulgar”<sup>70</sup>. Mem Bugalho foi denunciado por possuir uma Bíblia em língua vulgar. António Luís foi processado pela Inquisição por traduzir a Bíblia do latim para o vernáculo.

Em contrapartida, obras como as de Gil Vicente e de Camões estão cheias de temas bíblicos. Estes eram recebidos pela mediação de textos doutrinários ou espirituais do tempo.

Um grupo de judeus portugueses e hispânicos, preocupados com a tradução da Bíblia para vernáculo, notabilizou-se em Itália – refugiado junto dos Duques de Ferrara –, onde preparou e publicou a famosa impressão «cristã» da *Bíblia de Ferrara* (1553), uma das «Bíblias de exílio», em ladino (língua judeo-espanhola). Entre os empreendedores estava também o português Abraão Usque ou Duarte Pinel, que traduziu para espanhol o Antigo Testamento segundo “a verdade hebraica”, para proveito de judeus espanhóis e portugueses.

Uma dificuldade na tradução da Bíblia para português foi o aparecimento de traduções em língua castelhana, a que tinham acesso Espanha e Portugal, sobretudo no tempo em que os dois países se encontravam unidos sob a mesma coroa (1580-1640). Nos séculos XVI-XVII assistimos a tímidas tentativas de tradução, por exemplo, do Cântico dos Cânticos<sup>71</sup>, sem que se faça nenhuma tradução completa da Bíblia. A causa está nos “tempos em que viveram [nossos Maiores], em que geralmente lhes era defeso traduzir e ter em Linguagem os Sagrados Livros. Pelo que, vemo-nos obrigados, neste período, a ir buscar fora dos nossos Reinos o que pudéramos ter de nossa casa”<sup>72</sup>. Os estudos da Bíblia floresceram vistosamente

<sup>70</sup> A.A. NASCIMENTO, “Dizer a Bíblia em português. Fragmentos de uma história incompleta”, *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Série monográfica, vol. VI (2010) 44.

<sup>71</sup> Cf. A.P. CARDOSO, “História do «Cântico dos Cânticos» em Portugal”, *Didaskalia* 22 (1992) 39-58.

<sup>72</sup> Texto citado em H. ALVES, “Versões portuguesas da Bíblia”, *História do texto bíblico* (Atualidade bíblica 7; Difusora bíblica; Fátima 2004) 57.

nos séculos XVI e XVII nas universidades de Coimbra e Évora. Mas eram publicados em latim, só para os eruditos. O acesso do povo à Bíblia era difícil e praticamente nulo, resultado da proibição – surgida de tensões teológicas – de a ler em línguas vulgares, embora o teor das orientações dimanadas do concílio de Trento tivessem outra intenção. Eram reação à Reforma protestante, cujo «livre exame» complicava a difusão católica da Bíblia em língua vernácula.

A primeira tradução portuguesa da Bíblia a ser impressa foi a de João Ferreira Annes de Almeida (1628-1691), membro da Igreja reformada calvinista na missão da colónia holandesa das Índias Orientais a partir de 1642. Foi um trabalho demorado, sentido como necessário para a evangelização. Iniciado em 1644 (tinha ele 16 anos de idade), o Novo Testamento ficou terminado logo em 1645. Mas a sua *editio princeps* só foi publicada em Amesterdão em 1681, fora do alcance do tradutor. Entretanto levou a cabo a tradução do Antigo Testamento, que só seria terminada em 1693, depois da sua morte, por um holandês<sup>73</sup>. A Bíblia completa num único volume só foi dada à estampa em 1819.

Notamos que uma tradução da Bíblia para português no séc. XVII contrariava a proibição eclesiástica de apresentar os textos bíblicos em línguas vernáculas. Mas, dentro do protestantismo, Ferreira de Almeida não se sentiu vinculado por essa proibição e ofereceu aos portugueses do território pátrio e do mundo a sua Bíblia, que tem interesse histórico e cultural e “representa uma realidade linguística diferente da do ambiente literário do português europeu daquela altura”<sup>74</sup>. Era o português que Almeida aprendeu até aos 16 anos, com o seu tio, padre, em Lisboa, já que a partir daí, não teve praticamente contacto direto com a língua e cultura portuguesa.

É uma tradução marcadamente literal. O seu trabalho ingente baseou-se em versões várias (latina, espanhola, holandesa, francesa e italiana), dado esse que se ressentiu no resultado final. A impressão contém muitos erros de ortografia e de tradução: vários versículos ou palavras tornam-se

<sup>73</sup> *Bíblia Sagrada, contendo o Antigo e o Novo Testamento*, traduzido em português por JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA (Edição revista e corrigida na grafia simplificada; 87.ª impressão; Imprensa Bíblica Brasileira – Editora Vida; Rio de Janeiro – S. Paulo 1997).

<sup>74</sup> J. A. RAMOS, “Tricentenário da morte do primeiro tradutor da Bíblia para português”, p. 169.

ininteligíveis. Notam-se grandes diferenças, entre uma edição e outras anteriores, na ortografia, na construção frásica e gramatical, a nível de termos e de expressões, também por causa de sucessivas revisões, correções e atualizações. O texto que ainda se continua a editar<sup>75</sup> já não é inteiramente aquele que saiu da mão do tradutor original.

De qualquer forma, a obra teve maior número de edições e de exemplares do que qualquer outro livro escrito em português ao longo da história. É um “monumento vivo da história da língua portuguesa, sob variados pontos de vista..., um documento histórico”<sup>76</sup>. Conhecem-se 1796 edições da sua Bíblia completa ou de partes dela, com 111 467 641 exemplares contabilizados. Mas, levando em linha de conta as quantidades que as editoras (e não só) referem, tudo indica que terão sido feitas, pelo menos, 2000 edições, atingindo os 150 milhões de exemplares impressos. Este impressionante número de edições da Bíblia faz de Almeida o escritor de língua portuguesa mais editado em toda a história da língua de Camões. Ele foi um dos maiores divulgadores do português no grande mundo asiático, a língua franca do espaço geográfico do Oriente. “Foi certamente o escritor mais célebre do seu tempo em todo o Extremo Oriente, nos séculos XVII-XVIII; foi também um dos maiores escritores lusófonos da Idade Moderna”<sup>77</sup>.

A Igreja Católica nunca aceitou esta tradução, argumentando que vinha do mundo protestante, que foi falsificada e mutilada (faltavam-lhe os deutero-canónicos) e que Almeida tinha apostatado do catolicismo<sup>78</sup>. Aliás, depressa dispôs de uma alternativa na tradução que seguiu à de Almeida, a do P. António Pereira de Figueiredo (1725-1797), da Congregação do Oratório e teólogo «oficial» do Marquês de Pombal, de sua confiança. Esta versão, a melhor de então, publicada em muitos volumes entre 1778 e 1790, seria editada num único volume apenas em 1821. Feita a partir da

<sup>75</sup> Há edição ilustrada por I. David, apresentação de J.T. MENDONÇA (Círculo de Leitores; Lisboa 2006).

<sup>76</sup> J.A. RAMOS, “Tricentenário da morte do primeiro tradutor da Bíblia para português”, *Cadmo* 1 (1991) 169-170.

<sup>77</sup> São conclusões do aturado estudo e monumental inventário de edições dessa Bíblia, tese de doutoramento, de H. ALVES, *A Bíblia de João Ferreira Annes d’Almeida* (Sociedade Bíblica de Portugal – Sociedade Bíblica do Brasil – Difusora Bíblica – Universidade Católica; S. Paulo – Fátima – Lisboa 2006) 252-255.391-395.673-891. J.C. CARVALHO faz uma apreciação da obra em *Humanística e Teologia* 28 (Dezembro 2007) 209-211.

<sup>78</sup> Foi silenciado pela Inquisição e ficou desconhecido na sua pátria. Cf. H. ALVES, “A Bíblia de João Ferreira Annes d’Almeida”, *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, V (2006/9-10) 289-302.

*Vulgata*, é obra de grande mérito, literária e filologicamente. Seria objeto de diversas edições, algumas protestantes<sup>79</sup>. Teve bom acolhimento. Mas não foi muito usada pelos católicos, porque os protestantes – por causa da oposição da Igreja Católica à Bíblia de Almeida – fizeram também sua a Bíblia «católica» do P. Figueiredo, ocasionando assim a marginalização a que a Igreja católica a votou a partir de então. Foi editada sem notas, aos milhões, e usada também durante boa parte do séc. XX pelas igrejas protestantes evangélicas portuguesas. No tempo em que era punível traduzir para a língua vernácula o texto bíblico, esse padre de Mação, reitor do seminário local e grande latinista, teve o arrojo de o fazer.

Mas ele também já testemunhou um ambiente mais desanuviado na interpretação restritiva do uso das versões bíblicas em língua vulgar. Realmente, o *Índice* de 1757 já libertava de censura o uso da Bíblia em vernáculo, contanto que numa versão aprovada pela Sé Apostólica e acompanhada de notas e comentários de acordo com a tradição teológica. Os tempos estavam a mudar. Os bispos católicos pediam traduções da Bíblia para a catequese e para a pastoral.

Foi, portanto, no séc. XVIII que se começaram a fazer entre nós versões integrais da Bíblia, com o atraso de mais de um século relativamente a outros países europeus.

Da mesma época da de Figueiredo é a tradução portuguesa do *Velho Testamento*, feita em meados do séc. XVIII por Peter Rahmeyer (1699-1757), um comerciante de Hamburgo. Encontra-se na biblioteca de Hamburgo. O *Novo Testamento*, também por ele traduzido, perdeu-se durante a II Grande Guerra.

De 1762 é a *História Sagrada do Velho e Novo Testamento*, do Padre da Silva e Azevedo. Outra “História Sagrada” de impressionante dimensão é a obra publicada entre 1777 e 1778 por Frei Francisco de Jesus Maria Sarmiento, a tradução parafraseada (com o texto latino a acompanhá-la) a que chamou *História Evangélica* (relativamente ao Novo Testamento) e, entre 1778 e 1785, com as mesmas características, a *História bíblica e doutrina moral da religião catholica extrahida dos livros santos do Antigo Testamento* (no total, terão sido editados 56 volumes, 44 para o AT, 11 para o NT e 1 volume adicional).

<sup>79</sup> Ainda foi corrigida e aumentada com novas notas por Santos Farinha (Lisboa 1902-1904).



Em fins do séc. XVIII escasseavam as traduções bíblicas portuguesas e era difícil fazê-las. As versões de Ferreira d'Almeida e de Figueiredo ainda não tinham encontrado grande divulgação. Já em 1817, o bispo Fr. Manuel de S. Gualdino em Goa proibia a Bíblia em português. Mas no decorrer do séc. XIX publicaram-se diversas traduções parciais, geralmente parafraseadas e com influência de outras línguas<sup>80</sup>.

Ainda mais livre é o resumo da *História Bíblica ou Narrativas do Velho e Novo Testamento*, “oferecida às escolas e às famílias portuguesas e brasileiras por D. António de Macedo Costa, bispo do Pará, acolhida com benevolência por Sua Santidade Leão XIII e aprovada por Sua Eminência o cardeal Bispo do Porto, por todos os bispos da Suíça e muitos de França, Itália, Brasil e Portugal”. Teve muitas edições; uma tem a aprovação do Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, 25.10.1955 (Lello & Irmão; Porto).

No princípio do séc. XX, no Brasil, foi-se traduzindo, em anos sucessivos e em vários volumes, o Novo Testamento a partir da *Vulgata*. Em 1903 saiu a *Concordância dos Evangelhos reunidos em um só*, com comentários, do bispo de Curitiba e S. Paulo, D. Duarte Leopoldo e Silva.

Em Portugal, teve grande difusão entre os católicos a *Bíblia Sagrada*, tradução do P. Matos Soares, Prefeito no Seminário Maior da diocese do Porto, em 1933-1934, a partir da *Vulgata* (Paulinas, Lisboa 1942). A mesma, em linha com o encorajamento de Pio XII aos exegetas católicos na *Divino afflante Spiritu* (1943), saiu numa “versão segundo os textos originais” (Porto 1955), uma revisão feita por Luís Gonzaga da Fonseca, que ensinava no Pontifício Instituto Bíblico. A edição separada do Pentateuco saiu no Porto em 1956. Até teve edições separadas de partes do *Antigo Testamento* e de todo o *Novo Testamento* (Porto 1956 e 1946, esta última precedida de uma carta de Eugénio Cardeal Pacelli, de 3.3.1930). Pelo menos a partir de 1956, a Bíblia completa foi publicada num só volume no Brasil. Não sendo muito boa tradução, respondeu oportuna e rapidamente à necessidade do povo de ler a Sagrada Escritura e à necessidade de uma pastoral mais ilustrada. Dado revelador da sua importância é a publicação do *Novo Testamento* e do *Evangelho de Jesus Cristo* ainda em 2006<sup>81</sup>. Foi a terceira tradução da Bíblia completa em português, depois

<sup>80</sup> Cf. A.A. NASCIMENTO, “Dizer a Bíblia em português. Fragmentos de uma história incompleta”, *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Série monográfica, vol. VI (2010) 53-55; e pp. 7-58.

<sup>81</sup> Por Editorial Apostolado da Oração; Braga 2006.

das de Almeida e do P. Figueiredo. A partir de 1975, foi também revista pelas Edições Paulinas do Brasil, onde continuou a ser editada até ao fim da década de 1980.

No Brasil apareceu a *Santa Bíblia*, sob os auspícios da Liga de Estudos Bíblicos, “pela primeira vez, traduzida dos textos originais para a língua portuguesa” (Agir; S. Paulo 1955-1961; já antes tinha publicado o *Novo Testamento*, Rio de Janeiro 1948). Foi reeditada pela Editora Abril (S. Paulo 1965-1972, 8 volumes).

Nas últimas décadas do séc. XX multiplicaram-se no Brasil as edições integrais da Bíblia. Algumas delas foram traduções a partir das línguas originais. Entre elas merece destaque a traduzida pelos Franciscanos: *Bíblia Sagrada* (Vozes; Petrópolis 1950-1982); o seu texto foi editado por Editora *Três Livros e Fascículos* (S. Paulo 1982). Outras foram feitas de versões francesas, preparadas, a partir das línguas originais, por equipas de consagrados biblistas e literatos de várias partes do mundo, algumas das quais ‘migraram’ para Portugal com ligeiras adaptações. Entre elas sobressaem:

– a *Bíblia de Jerusalém* (Paulus; S. Paulo 2002)<sup>82</sup>,

– a dos monges beneditinos de Maredsous, que resultou na tradução brasileira, chamada «*Bíblia Ave Maria*» (Ave Maria; S. Paulo 1959, editada também em Portugal, adaptada, pela Livraria Figueirinhas, Porto-Lisboa 1973, e, com leves ajustamentos, pela Editorial Missões, Cucujães 1999),

– e a *Tradução Ecuménica da Bíblia* (TOB/TEB, Edições Loyola e Paulinas, S. Paulo 1994).

– A do Pontifício Instituto Bíblico de Roma foi feita da versão italiana, que tinha sido dirigida pelo P. Vaccari (Paulinas, S. Paulo 1967). Nas abundantes notas de elevada qualidade exegética oferece ao leitor os sólidos frutos do ingente progresso da filologia e da arqueologia; também teve edição em Portugal (Paulistas, Lisboa 1978).

<sup>82</sup> Texto bíblico traduzido diretamente das línguas originais; tradução das introduções e notas da 3.ª edição de *La Bible de Jérusalem* de 1998. Ver acima.

– Ainda no Brasil, foi editada por Edições *Paulus* (S. Paulo 1997 e 2002) a *Bíblia do Peregrino*, feita da tradução espanhola de Luis Alonso Schökel.

– Seguindo modelos de tradução e soluções literárias em perspectiva pastoral é a *Bíblia Pastoral*, a partir de um original italiano. Editada no Brasil (Paulinas; S. Paulo 1991), foi adaptada ao português de Portugal (Paulus; Lisboa 1993, reimpressa em 1999).

– Uma tradução dinâmica brasileira de *A Bíblia na Linguagem de Hoje* apareceu em 1988: nova tradução, submetida a uma revisão profunda a partir dos textos hebraicos e gregos, saiu em 2000.

Em coedição de sete editoras católicas, foi publicada a *Bíblia Sagrada*, tradução da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, edição comemorativa dos quinhentos anos de evangelização do Brasil e dos cinquenta anos da Conferência Episcopal (S. Paulo 2001). A sua apresentação informa: “tradução integral... elaborada a partir dos textos originais, cotejados sistematicamente com a tradução oficial da Igreja Católica, a Nova Vulgata”.

De 1957 a 1970, a Editora *Universus*, Porto, publicou a *Bíblia Ilustrada*, em grande formato, com lâminas a cores. Foi a primeira tradução da Bíblia completa a ser realizada em Portugal diretamente das línguas originais. Mas ficou confinada numa edição de formato *Monumental* e de divulgação restrita, não destinada ao grande público. O seu texto foi utilizado por outras Editoras e teve uma reedição num só volume, exclusiva para Sistema J, em 2005.

Os Franciscanos Capuchinhos fizeram sucessivas edições de livros da Bíblia na sua editorial *Difusora Bíblica*: em 1960 saiu o *Novo Testamento*; em 1962, o *Antigo Testamento* abreviado; e em 1964, a primeira edição da *Bíblia Sagrada* completa, que viria a ser melhorada ao longo dos anos. O seu texto foi utilizado por outras Editoriais (pela *Verbo*, Lisboa 1982 e 1996; pela *Liarte*, Lisboa; pela *Stampley*, Carolina do Norte, EUA; pela *Editora Santuário*, Aparecida, S. Paulo 1982).

Entretanto, em 1993, a Difusora Bíblica participou com a Sociedade Bíblica de Portugal na edição da *Bíblia Sagrada em português corrente: A Boa Nova*, tradução de equivalência *dinâmica*, interconfessional, de biblistas protestantes e católicos, fruto de vinte anos de trabalho, “a partir

das melhores edições contemporâneas dos textos gregos e hebraicos/aramaicicos”. “É seguramente a primeira de entre as que foram traduzidas do original a ser colocada à disposição de um público alargado”, procurando oferecer “um texto claro e compreensível e o mais possível fiel ao conteúdo original”<sup>83</sup>. Esta edição da Bíblia completa foi revista pela mesma equipa e publicada, com o mínimo de notas exegéticas, sob o título *A Bíblia para todos* (Sociedade Bíblica de Portugal; Lisboa 2009), incluindo os «Livros Deuterocanónicos», reunidos no fim do AT (distribuída por *Paulinas*)<sup>84</sup>.

A Sociedade Bíblica de Portugal, que muito contribuiu para a tradução, divulgação e distribuição da Bíblia no nosso país<sup>85</sup>, editou uma Bíblia completa com o título *O Livro: A Bíblia para Hoje* (Lisboa 2001). Foi uma tradução portuguesa feita a partir do inglês, embora com a consulta dos textos nas línguas originais; deste título, as Publicações Europa-América já tinham feito em 1981 uma edição apenas do Novo Testamento. A Sociedade Internacional da Bíblia patrocinou *A Nova Versão Internacional da Bíblia*, feita por uma equipa de biblistas evangélicos a partir do grego, hebraico e aramaico (Brasil, Editora Vida 2001)<sup>86</sup>.

Em 1998, com o trabalho de uma equipa de biblistas portugueses coordenada ao longo de seis anos por Frei Herculano Alves, a *Difusora Bíblica* publicou uma nova tradução a partir das línguas originais, com novas notas e introduções a cada livro bíblico, enriquecida com índices e suplementos, cuidando o texto também para ser proclamado em grupo ou na

<sup>83</sup> J.A. RAMOS, “Tradução interconfessional da Bíblia em Português”, *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Série monográfica, vol. VI (2010) 103-116. A equipa interconfessional, a trabalhar sob os auspícios da Sociedade Bíblica de Portugal, proporcionou a vivência de espírito ecuménico: a tradução foi integralmente produzida em trabalho coletivo e face a face: todos a traduzirem tudo. Dificuldades práticas e virtualidades desta tradução, em J.A. RAMOS, “Traduções Portuguesas da Bíblia: Transversalidades Linguístico-Culturais em Tarefas de Hoje”, *Gaudium sciendi* n.º 3 (Janeiro 2012: suporte informático) 127-146.

<sup>84</sup> BENTO XVI “sublinha o que os Padres sinodais disseram da importância que têm, neste trabalho ecuménico, as *traduções da Bíblia nas diversas línguas*. De facto, sabemos que traduzir um texto não é trabalho meramente mecânico, mas faz parte, em certo sentido, do trabalho interpretativo. A este respeito, o Venerável João Paulo II afirmou: «Quem recorda como influíram nas divisões, especialmente no Ocidente, os debates em torno da Escritura, pode compreender quanto seja notável o passo em frente representado por tais traduções comuns»: *Verbum Domini*, 46.

<sup>85</sup> Cf. R.M. LEITE – T. CAVACO, “A circulação da Bíblia no Portugal oitocentista: o papel da Sociedade Bíblica”, *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Série monográfica, vol. VI (2010) 181-207.

<sup>86</sup> Cf. R.E. CIAMPA, “Contemporary Approaches to Bible Translation”, *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Série monográfica, vol. VI (2010) 90-101; veja pp. 59-101.

assembleia litúrgica; tem sido revista em sucessivas edições. Foi o texto que serviu de base à sua *Bíblia Ilustrada*, edição monumental de 2005, comemorativa dos 50 anos da «Difusora Bíblica» (que tinha nascido oficialmente a 25.2.1955) e da revista «Bíblica». Também serviu para edições parciais. E foi ainda utilizado por outras Editoras (pelas Edições *Alfa*, na chamada *Bíblia 2000*, Lisboa 1997; pela coleção *Philae*, 2000; pela *Verbum Bible*, Verbo Divino, Angola; pelas *Paulinas*, na *Bíblia Sagrada Africana*, Maputo 2004 e 2010).

Além destas, fizeram-se em Portugal bastantes edições parciais da Bíblia, seja como primeira fase para traduções completas, seja para maior divulgação de partes consideradas mais importantes. Porque serviu a muitos alunos de Bíblia e de Teologia, é digna de registo a *Sinopse dos Quatro Evangelhos* em português (Coimbra 1951 e 1952), do Dr. António Brito Cardoso; também traduziu os *Evangelhos* e o *Novo Testamento*, publicação da Editorial Franciscana (Braga 1956 e 1974). O cônego José Falcão, professor do Seminário dos Olivais, traduziu o *Novo Testamento* a partir do grego. Foi publicado num só volume (Logos, Lisboa 1957) e em três volumes, com comentário (Seminário de Cristo Rei, Lisboa 1956, 1960 e 1965). O cônego J. Mendes de Castro publicou *Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo*, traduzido do grego e anotado (A. O., Braga 1993), e o *Livro dos Salmos*, traduzido do hebraico e anotado (Braga 1993)<sup>87</sup>.

Em 2004 a Sociedade Bíblica do Brasil editou o *Novo Testamento Inter-linear Grego-Português*, com o texto da tradução de João Ferreira de Almeida, revista e atualizada, e com o da Nova Tradução na Linguagem de Hoje, por Vilson Scholz com colaboração de Roberto Bratcher.

Em linha com o irreversível fenómeno, em andamento, das traduções litúrgicas da Bíblia para várias línguas, também em Portugal está em curso a tradução da Bíblia completa para a liturgia e catequese, encomendada e patrocinada pela Conferência Episcopal Portuguesa, assumida e realizada pelos biblistas da Associação Bíblica Portuguesa.

<sup>87</sup> Cf. H. ALVES, “Panorama das traduções da Bíblia em português no século XX e a sua receção no meio católico”, *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Série monográfica, vol. VI (2010) 215-226; veja pp. 209-236.

## Conclusão

Este restrito panorama de traduções dá a impressão das dificuldades sentidas desde a Idade Média para transmitir a mensagem bíblica na língua falada pelos crentes<sup>88</sup>. Até quase ao concílio de Trento, elas devem-se às circunstâncias históricas, culturais e linguísticas referidas.

Após o concílio de Trento, a proibição da tradução da Bíblia para as línguas vulgares nalgumas regiões era uma resposta ao movimento da Reforma protestante, que estava a colocar nas mãos dos fiéis a Bíblia em língua vulgar sem explicações do texto. Queria afastar o «livre exame», a livre interpretação pessoal da Bíblia, proposta pelos protestantes. Pairava o receio de perder a densidade teológica do texto latino e de gerar à volta dele confusões nos cristãos. Como a Bíblia fora pretexto para disputas entre católicos e protestantes durante séculos, foi-se impondo uma desconfiança mais ou menos velada em relação a ela, não só entre os estudiosos, mas também no povo cristão.

Por outro lado, à proibição da Bíblia nas línguas vulgares não é estranho o facto de o latim ser a língua da cultura até ao séc. XVI: a língua de tratados filosóficos, teológicos e da Bíblia (na *Vulgata*). A língua vulgar ainda não tinha atingido o estatuto de língua da cultura, servindo mais para o conto, para a poesia popular e para o teatro. Este ambiente da passagem cultural da Idade Média para a Moderna ajuda a entender as reservas da Igreja e do poder civil face à tradução da Bíblia para as línguas vulgares, dentro do contexto da evolução das línguas nacionais. A mudança de língua ia exigir mudança de mentalidade, que tinha muitos adversários.

Depois, o tratamento histórico-crítico da Bíblia pelo racionalismo e por tendências liberais exteriores ao catolicismo não favorecia a sua leitura. E já girava o círculo vicioso: porque a Bíblia não se traduzia, os católicos não a usavam; e porque não a conheciam, não se traduzia.

Frutífera mudança de cenário foi desencadeada pela *Divino afflante Spiritu*, que louva o “esforço por estimular e fomentar entre os católicos o

<sup>88</sup> Cf. G.I. EMMERSON, “Translation, Problems of”, *A Dictionary of Biblical Interpretation* (eds. R.J. COGGINS – J.L. HOULDEN) (SCM Press – Trinity Press International; London – Philadelphia 1990) 701-704; S.S. RETAMALES – C.J. GARZA, “Historia y principios hermenéuticos en la nueva traducción”, *Los ecos de la Escritura*. Homenaje a José Manuel Sánchez Caro (coords. S. GUIJARRO – G. HERNÁNDEZ) (Verbo divino; Estella 2011) 197-214.

conhecimento e o amor dos Livros Sagrados. [Os bispos] favoreçam e auxiliem as associações que têm por finalidade difundir entre os fiéis os exemplares da Sagrada Escritura – particularmente dos Evangelhos – e procurar que nas famílias cristãs se leiam regularmente todos os dias com piedade e devoção. Recomendem eficazmente..., onde as normas da liturgia o consentirem, a Sagrada Escritura traduzida nas línguas vernáculas atuais, com a aprovação da autoridade eclesiástica” (EB 566).

Como o concílio de Trento tinha decretado que a *Vulgata* era a única “edição autêntica para a leitura pública, para debates teológicos, pregação e explicações”, as traduções católicas desde o séc. XVII até ao séc. XX fizeram-se a partir do latim. Foi Pio XII e a *Dei Verbum* que pediram a tradução a partir das línguas originais. As traduções feitas desde então estão marcadas pela necessidade, não inovadora, de arrancarem diretamente dos textos originais.

A partir daí, o magistério só exorta à realização de traduções:

“O Sínodo considera importante, antes de mais nada, a formação de especialistas que se dediquem a traduzir a Bíblia nas diversas línguas. Encorajo a que se invistam recursos neste âmbito. De modo particular, quero recomendar que seja apoiado o empenho da Federação Bíblica Católica para um incremento ainda maior do número das traduções da Sagrada Escritura e da sua minuciosa difusão. Bom será que tal trabalho, pela sua própria natureza, seja feito na medida do possível em colaboração com as diversas Sociedades Bíblicas”<sup>89</sup>.

A aventura de tradução da Bíblia prolongou-se ao longo de mais de dois milénios. No princípio do séc. XIX, estava traduzida em 78 línguas. Na totalidade ou em partes substanciais (pelo menos, um livro completo), está hoje traduzida para mais de 2426 línguas diferentes, das aproximadamente 6500 que se estima existirem no mundo<sup>90</sup>. É de longe o Livro mais traduzido. Essa larga divulgação fala do seu sublime conteúdo.

<sup>89</sup> BENTO XVI, *Verbum Domini*, 115.

<sup>90</sup> Completa, está traduzida em 429 línguas; o Novo Testamento, em 1144 (dados fornecidos pelo sítio da *Internet*, ZENIT, a 1.2.2008). Em 1999 as Sociedades Bíblicas por todo o mundo estavam a trabalhar em 685 projetos de tradução da Bíblia: ver notícia em *Le monde de la Bible* 117 (1999) 87.